

TERRY
PRATCHETT

NAÇÃO

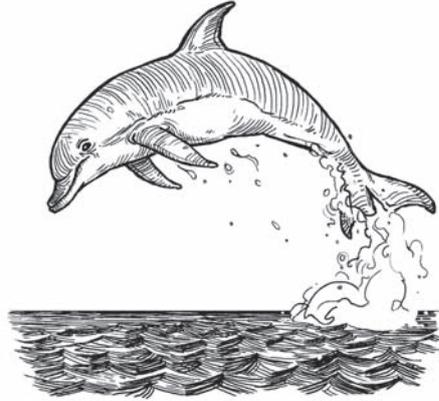
Tradução de Renato Carreira

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*




SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina





COMO IMO FEZ O MUNDO,
NO TEMPO EM QUE AS COISAS
ERAM DE OUTRA FORMA
E A LUA ERA DIFERENTE

Imo saiu um dia para pescar, mas não havia mar. Não havia nada além de Imo. Por isso, cuspiu nas mãos, esfregou-as uma na outra e fez uma bola de mar. Depois disso, fez peixes, mas eram estúpidos e preguiçosos. Por isso, pegou nas almas de uns golfinhos, que, pelo menos, tinham aprendido a falar, misturou-as com barro e esfregou-as com as mãos, mudando a sua forma até se tornarem gente. Eram espertos, mas não conseguiam nadar o dia todo e, por isso, Imo retirou mais barro do chão, esfregou-o com as mãos e cozeu-o no fogo do seu acampamento de pesca e foi assim que a terra foi feita.

Em breve, as pessoas encheram toda a terra e sentiram fome. Por isso, Imo pegou numa parte da noite, esfregou-a com as mãos e fez Locaha, o deus da morte.

Mesmo assim, Imo não se deu por satisfeito e disse: Fui como uma criança brincando na areia. Este mundo é imperfeito. Não tinha uma planta. Está tudo mal. Vou esfregá-lo com as mãos e criar um mundo melhor.

Mas Locaha disse: A lama secou. As pessoas morrerão.

Imo sentiu-se irritado e disse: Quem és tu para me questionares?

E Locaha disse: Sou parte de ti, como o são todas as coisas. Por isso, digo-te: Dá-me o mundo mortal e vai fazer um mundo melhor. Governarei aqui com justiça. Quando um humano morrer, fá-lo-ei ser um golfinho até ser tempo de voltar a nascer. Mas, quando encontrar uma criatura que se supere, que se tenha tornado mais do que a lama de que foi feita, que tenha glorificado este mundo miserável por ser parte dele, então abrir-lhes-ei

uma porta para o teu mundo perfeito e deixarão de ser criaturas de tempo, pois envergarão estrelas.

Imo achou que a ideia era boa, porque a criação era sua, e foi criar o seu mundo novo no céu. Mas, antes de o fazer, e para que Locaha não fizesse tudo o que queria, soprou sobre as mãos e criou os outros deuses para que as pessoas morressem apenas no seu tempo devido.

E é por isto que nascemos na água, que não matamos golfinhos e que olhamos as estrelas.



CAPÍTULO 1

A PESTE

A neve caía tão densamente que formava frágeis bolas de neve no ar, que troavam e se derretiam ao pousar sobre os cavalos alinhados ao longo da doca. Eram quatro da manhã, o local começava a despertar e o capitão Samson nunca vira a doca em tamanho frenesim. A carga voava para fora do navio. Literalmente. Os guindastes rangiam com o esforço de retirar os fardos tão rapidamente quanto fosse possível. O navio tresandava já a desinfetante, de uma ponta à outra. Cada homem que subia a bordo estava tão ensopado nele que lhe pingava das botas. Mas não bastava. Alguns deles tinham subido com grandes e pesados pulverizadores que cuspiam uma neblina ácida-rosa sobre tudo.

E não podia fazer nada para o evitar. O representante dos armadores estava presente na doca, segurando as ordens nas mãos. Mas o capitão Samson ia tentar fazer alguma coisa.

— Acha mesmo que estamos infetados, sr. Blezzard? — bradou ao homem na doca. — Asseguro-lhe que...

— Tanto quanto sabemos, não estão infetados, capitão, mas isto é para o vosso bem — gritou o representante pelo seu enorme megafone. — E devo adverti-lo novamente a si e aos seus homens para que não saiam do navio!

— Temos família, sr. Blezzard!

— Com efeito e já estão a receber os cuidados devidos. Acredite, capitão, eles são afortunados. Também vocês o serão se cumprirem as ordens. Devem regressar a Port Mercia com o amanhecer. Não me cansarei de insistir em como é importante que o façam.

— Impossível! Fica do outro lado do mundo! Acabámos de regressar há poucas horas! Temos pouca comida e água!

— Levantarão âncora com o amanhecer e encontrar-se-ão no Canal com o *Dama de Liverpool*, acabado de chegar de São Francisco. Tem homens da Companhia a bordo. Dar-vos-ão tudo o que for necessário. Hão de reduzir o navio a uma carcaça flutuante para assegurar que terão provisões e tripulação adequada!

O capitão abanou a cabeça.

— Não basta, sr. Blezzard. O que pede... é demasiado. Eu... Santo Deus, homem! Preciso de autoridade a sério e não de palavras gritadas por um canudo de metal!

— Penso que perceberá que possuo toda a autoridade necessária, capitão. Tenho a sua permissão para subir a bordo?

O capitão conhecia aquela voz.

Era a voz de Deus. Ou quase. Mas, apesar de reconhecer a voz, quase não reconheceu quem falava, ao fundo da prancha de embarque. O motivo era a espécie de gaiola que vestia. Pelo menos, era o que parecia quando a viu pela primeira vez. Mais de perto, conseguiu ver que era uma armação intrincada de metal, coberta por gaze fina. A pessoa no interior caminhava numa nuvem brilhante de desinfetante.

— *Sir Geoffrey*? — disse o capitão, apenas para se certificar, enquanto o homem começava a subir lentamente a prancha de embarque reluzente.

— Assim é, capitão. Lamento a indumentária. Chama-se fato de salvação, por motivos óbvios. É necessário para vossa proteção. A gripe russa tem-se revelado mais desastrosa do que conseguirá imaginar! Acreditamos que o pior já passou, mas os efeitos foram devastadores... em todas as camadas sociais. Em todas as camadas, capitão. Acredite.

Havia alguma coisa na forma como o administrador dissera «todos» que fez o capitão hesitar.

— Espero que Sua Majestade esteja... não esteja... — Calou-se, incapaz de forçar o resto da questão a sair-lhe pelos lábios.

— Não apenas Sua Majestade, capitão. Disse «mais desastrosa do que conseguirá imaginar» — lembrou *Sir Geoffrey*, enquanto desinfetante vermelho pingava do fundo do fato de salvação e formava uma poça semelhante a sangue no convés. — Ouça o que lhe digo. O único motivo para este país não estar caído num caos total é o facto de a maioria das pessoas estar demasiado assustada para se aventurar a sair de casa. Como administrador da empresa, ordeno-lhe — e, como velho amigo, imploro-lhe —, pela salvação do Império, que navegue com a ligeireza dos demónios até Port Mercia e procure o governador. A seguir, irá... Ah, aí vêm os seus passageiros. Por aqui, cavalheiros.

Mais duas carruagens chegaram ao caos da doca. Cinco figuras veladas subiram a prancha de embarque, transportando entre eles grandes caixas e colocando-as no convés.

— Quem é o senhor? — perguntou o capitão ao estranho mais próximo, que lhe respondeu.

— Não precisa de o saber, capitão.

— Não preciso, pois então! — O capitão Samson voltou-se para *Sir Geoffrey* com as mãos abertas em apelo. — Raios, administrador, perdoe os meus modos, mas não servi fielmente a carreira durante mais de trinta e cinco anos? Sou o capitão do *Carriça Espevitada*¹, senhor! Um capitão deve conhecer o seu navio e tudo o que este contém! Não serei mantido na ignorância, senhor! Se não sou digno de confiança, descerei a prancha imediatamente!

— Capitão, não se apoquente, por favor — disse *Sir Geoffrey*. Voltou-se para o líder dos recém-chegados. — Sr. Black? A lealdade do capitão é inquestionável.

— Sim, fui indelicado. As minhas desculpas, capitão — disse o sr. Black. — Mas precisamos de requisitar o navio por motivos da máxima urgência, daí a lamentável falta de formalidade.

— São do governo? — perguntou o capitão.

O sr. Black pareceu surpreendido.

— Do governo? Receio que não. Aqui entre nós, resta pouco do governo neste momento. E o que resta esconde-se nas caves respetivas. Não, para lhe ser sincero, o governo sempre considerou conveniente não saber demasiado a nosso respeito e recomendar-lhe-ia que fizesse o mesmo.

— Ah sim? Pois saiba que não nasci ontem...

— É verdade que não, capitão. Nasceu há quarenta e cinco anos, sendo o segundo filho do sr. Bertie Samson e da sua esposa, batizado Lionel em honra do seu avô — disse o sr. Black, enquanto pousava lentamente a bagagem no convés.

O capitão voltou a hesitar. De alguma forma, aquilo parecera-lhe um indício de ameaça. O facto de as palavras não terem sido seguidas por uma ameaça real tornava-as, por algum motivo, bastante desconcertantes.

— Seja como for, para quem trabalham? — conseguiu dizer. — Gosto de saber com quem navego.

O sr. Black endireitou-se.

¹ *Cutty Wren*, no original. Título de uma canção tradicional inglesa de origens obscuras, mas frequentemente associada à Revolta Camponesa de Wat Tyler em 1381. Em simultâneo, *Cutty Sark* é o nome de um famoso veleiro britânico, cujo nome significa «Camisa Curta». (N. do T.)

— Como queira. Somos conhecidos como os Cavalheiros de Último Recurso. Servimos a Coroa. Satisfá-lo?

— Mas pensei que o rei estivesse... — O capitão calou-se, não querendo pronunciar a tenebrosa palavra.

— Está morto, capitão Samson. Mas a Coroa não. Poderemos dizer que servimos... um propósito mais elevado? E para atingir esse propósito, capitão, digo-lhe que receberá por esta viagem, bem como os seus homens, o quádruplo do pagamento habitual, além de dez guinéus por cada dia descontado do tempo de viagem habitual até Port Mercia e mais cem guinéus pela viagem de regresso. As possibilidades de promoção para cada marinheiro e oficial a bordo sairão muito reforçadas. Como capitão, receberá, claro, pagamentos à altura da sua posição e, porque sabemos que pretende reformar-se em breve, a Coroa desejará certamente mostrar a sua gratidão da forma habitual.

Atrás dele, *Sir Geoffrey* falou e tossiu ao mesmo tempo:

— *coffítítulodecavaleirocoff*.

— Certamente isso agradaria à sra. Samson — disse o sr. Black.

Era como uma tortura. O capitão Samson teve uma imagem mental do que aconteceria se a sra. Samson alguma vez descobrisse que recusara a hipótese de a tornar *Lady Samson*. Era incomportável. Olhou o homem que dizia chamar-se sr. Black e disse, em voz baixa:

— Vai acontecer alguma coisa? Tentam impedir alguma coisa?

— Sim, capitão. A guerra. O herdeiro do trono deve pisar solo inglês nove meses após a morte do monarca. Está na Magna Carta em letra miúda. Ou melhor, em letra miudíssima. Os barões não queriam outro Ricardo Coração de Leão, percebe? E, lamentavelmente, desde que um criado infestado serviu a sopa na festa de aniversário do rei, os dois herdeiros do trono sobreviventes encontram-se ambos algures no Grande Oceano Pelágico Meridional. Penso que o conhecerá bem, capitão?

— Ah! Agora compreendo! É isso que contêm as caixas — disse o capitão, apontando. — É solo inglês! Nós encontramos-lo, ele pisa-o e todos gritamos viva!

O sr. Black sorriu.

— Bravo, capitão! Estou impressionado. Mas, infelizmente, também se pensou nos pormenores. Há uma cláusula secundária. Estipula que o solo inglês deve estar firmemente ligado a Inglaterra. Podemos proclamar a sucessão no ultramar e até coroar o homem se for necessário, mas a sua presença continua a ser necessária em solo inglês dentro do período de tempo referido para que se proceda à ratificação.

— Sabe, sr. Black, eu julgava que conhecia bem a Magna Carta, mas nunca ouvi falar dessas cláusulas — disse *Sir Geoffrey*.

— Não, senhor — respondeu pacientemente o Cavaleiro de Último Recurso. — É porque se encontram na versão ratificada. Não lhe parece que barões que mal conseguiam escrever o próprio nome pudessem produzir um conjunto de normas sensatas destinadas ao governo justo de um país de grandes dimensões durante o resto da história, pois não? Os seus escrivas compilaram a Magna Carta completa e funcional no mês seguinte. É setenta vezes maior, mas à prova de erros. Infelizmente, os franceses têm uma cópia.

— Porquê? — quis saber o capitão. Chegou outra carruagem à doca. Parecia cara e tinha um brasão pintado na porta.

— Porque, se não for bem-sucedido nesta missão, capitão, será bastante provável que um francês se torne rei de Inglaterra — disse o sr. Black.

— O quê? — gritou o capitão, esquecendo por completo a carruagem recém-chegada. — Ninguém aceitaria tal coisa!

— Povo fascinante os franceses. Povo fascinante — disse *Sir* Geoffrey, apressado, acenando com as mãos. — Nossos aliados na barafunda recente na Crimeia e tudo, mas...

— A nossa posição coincide por completo com a do governo francês neste assunto, senhor — disse o sr. Black. — A última coisa que querem é ver um francês ocupar um trono, qualquer que seja. Os nossos amigos galeses não ficariam agradados. Mas há em França quem ficasse, no entanto, e pensamos que seria bom para todas as partes envolvidas que o nosso novo monarca pudesse ser trazido até nós com o mínimo de alarido e o máximo de rapidez.

— Mataram o último rei que tiveram! — disse o capitão Samson, que não ia desperdiçar uma boa indignação. — O meu pai lutou contra eles em Trafalgar! Não podemos tolerá-lo, senhor, qualquer que seja o preço. Posso falar em nome da tripulação, senhor! Voltaremos a bater o recorde, senhor, na ida e na volta! — Procurou *Sir* Geoffrey, mas o administrador tinha descido apressadamente a prancha de embarque e alvoroçava-se com duas figuras veladas que tinham descido da carruagem.

— São... mulheres? — perguntou o capitão enquanto subiam ao convés do *Carriça Espevitada* e passavam por ele como se fosse completamente insignificante.

Um aceno fez cair alguma da neve que cobria o véu do sr. Black.

— A mais pequena é uma criada e calculo que seja uma mulher. A mais alta, a que o seu administrador tanto quer agradar, é uma das principais acionistas da empresa de navegação e, mais importante do que isso, é também a mãe do herdeiro. É realmente uma senhora, mesmo que o meu limitado contacto com ela sugira que é também uma mistura de Bodiceia sem a carruagem, de Catarina de Médicis sem os anéis envenenados e de

Átila, o Huno, mas sem o seu fenomenal sentido de humor. Não jogue às cartas com ela, pois faz batota como uma *croupier* do Mississípi, afaste dela o xerez e faça tudo o que ela lhe disser e teremos hipóteses de sobreviver.

— Língua afiada?

— Como uma lâmina, capitão. Aligeirando um pouco o tema, é possível que, pelo caminho, consigamos alcançar a filha do herdeiro, que, felizmente, ia já ao encontro do pai quando a peste atacou. Deverá deixar a Cidade do Cabo hoje a bordo da escuna *Doce Judy*, dirigindo-se para Port Mercia por Port Advent. O capitão é Nathan Roberts. Penso que o conhecerá.

— O velho «Aleluia» Roberts? Continua à tona? É um bom homem, note. Um dos melhores. E a *Doce Judy* é uma embarcação de mérito. Acredite que a repariga se encontra em mãos seguras. — O capitão sorriu. — Mas espero que goste de hinos religiosos. Será que ainda obriga a tripulação a praguejar para dentro de um barril de água no porão?

— É profundamente religioso? — perguntou o sr. Black, enquanto se dirigia para o conforto da cabina principal.

— Apenas um pouco, senhor. Apenas um pouco.

— No caso de Roberts, capitão, de que tamanho será «um pouco»?

O capitão Samson sorriu.

— Oh, aproximadamente do tamanho de Jerusalém...

No outro extremo do mundo, o mar fervia, o vento uivava e uma noite trovejante cobria a superfície das profundezas.

É preciso um homem invulgar para improvisar um hino à pressa, mas o capitão Roberts era um homem invulgar. Conhecia todos os hinos do *Livro de Hinos Antigos e Contemporâneos* e cantava-os todos de forma altíssima e alegre durante o seu turno de vigia, o que fora um dos motivos do motim.

E, agora, com o Fim do Mundo tão próximo, com os céus escurecendo ao amanhecer e as chamas da Revelação caindo e incendiando o cordame, o capitão Roberts atou-se à roda do leme enquanto as ondas se elevavam abaixo dele e sentia a *Doce Judy* ser erguida bem alto como por obra de uma mão onnipotente.

Havia trovões e relâmpagos no céu. O granizo caía-lhe sobre o chapéu. O fogo-de-santelmo brilhava na ponta de cada mastro e crepitava na barba do capitão enquanto este se preparava para cantar, com uma voz rica e poderosa de barítono. Todos os marinheiros conheciam a canção: «*Pai Eterno, salvador, Vosso braço acalma a vaga inquieta*» bradou à tormenta enquanto a *Judy* balouçava sobre a vaga inquieta como uma bailarina. «*Que ordenastes ao poderoso oceano profundo, Que se mantenha nos seus limites designados...*»

A que velocidade se moviam? Pensou-o enquanto as velas se rasgavam e eram sopradas pelo vento. A onda era tão alta como uma igreja, mas seria certamente mais rápida do que o vento! Conseguia ver pequenas ilhas lá em baixo, desaparecendo enquanto a onda rugia sobre elas. Não era o momento de parar de louvar o Senhor!

«*Ouve as nossas súplicas, Por aqueles que o mar ameaça levar*», concluiu, olhando em frente.

Havia ali qualquer coisa grande e escura, aproximando-se a grande velocidade. Seria impossível contorná-la. Era grande demais e, de qualquer forma, a roda do leme não respondia. Segurava-a apenas por fé, para mostrar a Deus que não O renegara e esperando que, em troca, Deus não abandonasse o capitão Roberts. Girou a roda enquanto iniciava o verso seguinte e um relâmpago iluminou um caminho sobre a vaga inquieta. Ali, iluminado pelo céu faiscante, via um vão, um vale, uma falha na parede rochosa, como o milagre do Mar Vermelho, pensou o capitão Roberts. Só que, claro, ao contrário.

O relâmpago seguinte mostrou que o vão estava coberto por floresta. Mas a onda abater-se-ia sobre ela, à altura das árvores. Abrandaria. Ainda poderiam ser salvos, mesmo diante das mandíbulas escancaradas do Inferno. E lá iam...

Foi assim que a escuna *Doce Judy* navegou por entre uma selva tropical, com o capitão Roberts inspirado por criatividade instantânea e inventando um novo verso compreensivelmente ausente do hino original: «*Vós que construístes as altas montanhas, Para serem pilares do céu...*» Não tinha certezas acerca do «construístes», estava disposto a arriscar. «*Que haveis moldado as poderosas florestas...*» Ramos estalaram como tiros de canhão sob a quilha, grossas lianas-papel enredaram-se no que restava dos mastros. «*E haveis transformado a Terra num Jardim...*» Frutas e folhas choveram sobre o convés, mas um safanão significava que uma árvore partida tinha arrancado parte do casco, espalhando o balastro. «*Imploramos que estendais a Vossa mão...*» O capitão Roberts segurou com mais força a roda do leme inútil e riu-se para a escuridão trovejante. «... *aos que correm perigo em terra*».

E três grandes figueiras, cujas raízes nodosas tinham suportado séculos de ciclones, surgiram subitamente do futuro, como grandes surpresas. O seu último pensamento foi: Talvez «*Que haveis criado as altas montanhas*» tivesse sido um verso melhor nas circuns...

O capitão Roberts foi para o Céu, que se revelou não ser exatamente o que ele esperava, e, enquanto o recuo da onda depositou lentamente os destroços da *Doce Judy* no solo florestal, apenas uma alma permanecia viva. Ou possivelmente duas, para quem gostar de papagaios.

...

No dia em que o mundo acabou, Mau ia a caminho de casa. Era uma viagem de mais de vinte milhas. Mas conhecia o caminho, claro. Quem não conhecesse o caminho, não era um homem. E ele era um homem... quase. Vivera um mês na Ilha dos Rapazes, não vivera? Sobreviver naquele sítio era suficiente para fazer dele um homem...

Bom, sobreviver e conseguir regressar.

Ninguém explicava tudo o que era preciso saber sobre a Ilha dos Rapazes. Ia-se aprendendo enquanto se crescia, mas havia uma coisa que se descobria antes de qualquer outra: o propósito da Ilha dos Rapazes era sair da Ilha dos Rapazes. Deixava-se a alma de rapaz na ilha e recebia-se uma alma de homem quando se regressava à Nação.

Era preciso regressar. De outra forma, acontecia alguma coisa terrível. Se alguém não regressasse em trinta dias, viriam buscá-lo e nunca se seria um homem. Não um homem a sério. Os rapazes diziam que seria melhor morrer afogado do que alguém vir buscá-los. Todos conheceriam o seu falhanço e seria provável que nunca se conseguisse uma mulher. Quem conseguisse uma mulher, mesmo assim, seria uma mulher que nenhum dos homens verdadeiros queria, com dentes maus e hálito fedorento.

Mau permanecera acordado durante semanas, preocupando-se com aquilo. A faca era a única coisa que se podia levar para a ilha e a construção de uma canoa só com uma faca em trinta dias provocava-lhe pesadelos. Era impossível. Mas todos os homens da Nação o tinham feito e teria de haver uma forma, não?

No seu segundo dia na ilha, descobriu-a.

Havia uma boa mesa no centro da ilha, um cubo de pedra parcialmente enterrado em areia e terra. Trepadeiras pesadas cobriam-no e rodeavam uma enorme árvore *tabago*. Gravadas profundamente na casca seca, escritas na língua das crianças, viam-se as marcas: OS HOMENS AJUDAM OS OUTROS HOMENS. Ao lado, cravado na madeira, um *alaki*, uma pedra negra talhada com um longo cabo. Segurando-o de uma forma, era um machado. Segurando-o da outra, era uma enxó, ideal para escavar um tronco.

Pegou no machado e aprendeu a lição. Tal como muitos outros rapazes. Mau trepou à árvore numa noite e descobriu as centenas de marcas pelo tronco acima, onde gerações de rapazes gratos tinham cravado aquele machado ou um semelhante, para os que viriam depois. Alguns seriam já Avôs, dormindo na gruta da montanha.

Observariam, com olhos capazes de ver ao longo de milhas, e talvez o vissem enquanto descobria o tronco, amadurecido pelo tempo e não demasiado escondido entre os pandanos ao fundo da pequena ilha. Quando

regressasse, diria que o tinha encontrado e todos diriam que tivera sorte e que talvez tivesse sido o deus a deixá-lo lá. Pensando no assunto, o seu pai e alguns dos seus tios tinham ido pescar perto da ilha numa manhã, bem cedo, sem o convidarem para os acompanhar...

Fora tempo bem passado. Sabia fazer fogo e descobrira a pequena nascente de água doce. Fizera uma lança aceitável para apanhar peixe na lagoa. E construíra uma boa canoa, firme e leve, com um flutuador. Bastava construir alguma coisa que permitisse voltar para casa, mas trabalhara na canoa com faca e pele de raia até a tornar capaz de sussurrar sobre a água.

Não apressara o seu último dia como rapaz. O seu pai dissera-lhe que não deveria fazê-lo. «Limpa o acampamento», dissera. «Em breve, pertencerás a uma mulher e aos teus filhos. Será bom. Mas, por vezes, olharás com saudade para o teu último dia como rapaz. Faz com que seja uma memória agradável e regressa a tempo do festim.»

O acampamento estava tão limpo que ninguém adivinharia que lá tinha estado. Erguia-se diante da antiga árvore *tabago* pela última vez, com o machado na mão, e estava seguro de que os Avôs o olhariam por cima do ombro.

Seria perfeito. Sabia que sim. Na noite anterior, as estrelas do Ar, do Fogo e da Água tinham-se mostrado juntas no céu. Era um bom momento para começar algo novo.

Encontrou um espaço livre na casca macia e ergueu o machado. Por um momento, olhou a pequena conta azul presa ao pulso. Mantê-lo-ia seguro durante a viagem para casa. O seu pai contara-lhe como se sentiria orgulhoso durante o regresso. Mas teria de ser cuidadoso e não atrair a atenção de deuses ou espíritos. Não era bom estar entre almas. Seria como *mihei gawi*, o pequeno caranguejo-eremita azul, movendo-se da concha antiga para a nova uma vez por ano, presa fácil para qualquer lula que o avistasse.

Não era um pensamento agradável, mas tinha uma boa canoa e um mar tranquilo e a viagem seria rápida. Claro que sim! Moveu o machado com a força que conseguiu reunir, pensando: Ah! O próximo rapaz a puxar isto merecerá que o considerem um homem.

— Os homens ajudam os outros homens! — gritou, quando a pedra embateu contra o tronco.

Quisera produzir um efeito. E produziu, muito mais do que esperara. De cada canto da pequena ilha, aves lançaram-se nos ares como um enxame. Tentilhões, garças e patos ergueram-se dos arbustos e preencheram o ar com pânico e penas. Algumas das aves maiores dirigiram-se para o mar, mas a maioria limitou-se a voar em círculos, parecendo sentir-se aterrorizadas por ficar, mas sem outro sítio para ir.

Mau caminhou entre elas enquanto descia até à praia. Asas garri-
das roçaram-lhe a cara como granizo e teria sido incrivelmente bonito,
se cada uma das aves não aproveitasse a oportunidade para uma valente
cagadela. Quando se está com pressa, é melhor não transportar peso des-
necessário.

Alguma coisa estava mal. Sentia-o no ar, na calma repentina, na forma
como, de repente, o mundo parecia pressionado por alguma coisa pesada.

E essa coisa pesada atingiu Mau, lançando-o sobre a areia. A sua cabe-
ça tentava explodir. Era pior do que daquela vez em que jogara o jogo das
pedras e se deixara ficar pendurado durante tempo demais. Alguma coisa
puxava o mundo para baixo como uma grande pedra cinzenta.

A seguir, a dor desapareceu tão depressa como chegara, num ápice,
deixando-o ofegante e atordoado. Mesmo assim, as aves continuavam a
voar no alto.

Enquanto Mau se erguia com dificuldade, sabia apenas que aquele
deixara de ser um bom sítio para se estar. Se fosse essa a única coisa que
sabia, então, pelo menos, sabia-o com cada unha e pelo do seu corpo.

Trovões ribombaram no céu limpo, fazendo estremecer os horizontes.
Mau cambaleou até à minúscula lagoa enquanto o ruído se prolongava e
ali estava a canoa à sua espera na areia branca junto à água. Mas o mar ha-
bitualmente calmo... dançava. Dançava como costumava dançar quando
chovia com força, mesmo que, naquele momento, não chovesse.

Precisava de se afastar. A canoa deslizou com facilidade para a água
e remou freneticamente para o vão no recife que permitia acesso ao mar
aberto. Por baixo e em redor, os peixes faziam a mesma coisa...

O som prosseguiu, como se alguma coisa sólida embatesse contra o
ar e o fraturasse. Preenchia o céu na totalidade. Para Mau, era como uma
enorme palmada nos ouvidos. Tentou remar mais depressa e ocorreu-lhe
um pensamento: Os animais fogem. O seu pai dissera-lho. Os rapazes fo-
gem. Um homem não foge. Volta-se para enfrentar o seu inimigo, para ob-
servar o que faz e encontrar a sua fraqueza.

Deixou a canoa deslizar para fora da lagoa e moveu-se facilmente so-
bre as ondas até ao oceano, olhando em redor. Como um homem.

O horizonte era uma grande nuvem, revolvendo-se e crescendo, reple-
ta de fogo e relâmpago e rugindo como um pesadelo.

Uma onda embateu contra o coral e também isso estava errado. Mau
conhecia o mar e havia alguma coisa errada naquilo. A Ilha dos Rapazes
ficava para trás porque uma terrível corrente o puxava para aquele colossal
saco de tempestades. Era como se o horizonte bebesse o mar.

Os homens olhavam o inimigo, sim, mas, por vezes, davam meia volta
e remavam como loucos.

Não fazia diferença. O mar fugia e, então, subitamente, voltou a dançar, como a água da lagoa. Tentando pensar com clareza, Mau debateu-se para manter a canoa sob controlo.

Regressaria. Claro que sim. Conseguia visualizar o regresso na sua cabeça, como um retrato pequeno e claro. Virou-o ao contrário, saboreando-o.

Todos lá estariam. Todos. Não poderia haver exceções. Homens velhos e doentes prefeririam morrer em enxergas junto à água a não estarem presentes, mulheres dariam à luz no local se fosse necessário, enquanto procuravam com o olhar o regresso da canoa. Era impensável perder a chegada de um novo homem. Isso traria azar terrível a toda a Nação.

O seu pai esperá-lo-ia no limiar do recife, levariam a canoa até à praia e os seus tios viriam a correr. Os homens mais jovens viriam congratulá-lo, os rapazes que deixara para trás sentiriam inveja e a sua mãe e as outras mulheres começariam a preparar o festim. Haveria a... coisa com a faca afiada, em que não se gritava, e, depois... haveria tudo.

Se conseguisse manter essa imagem fixa na mente, seria assim. Havia um fio reluzente de prata ligando-o a esse futuro. Funcionaria como uma âncora divina, que impedia os deuses de se afastarem para longe.

Deuses, era isso! Aquilo vinha da Ilha dos Deuses. Situava-se além do horizonte e não podia ser vista dali, mas os velhos diziam que rugira, no antigamente, e houvera águas enfurecidas e muito fumo e trovão porque o deus do Fogo estava irado. Talvez tivesse voltado a irar-se.

A nuvem erguia-se até ao alto do céu, mas havia alguma coisa nova ao nível do mar. Era uma linha cinzenta escura, aumentando de tamanho. Uma onda? Bom, conhecia as ondas. Atacavam-se antes que conseguissem atacar. Aprendera a brincar com elas. Não devia deixar que caíssem sobre ele. Devia usá-las. As ondas eram fáceis.

Mas aquela não agia como as ondas normais na boca do recife. Parecia permanecer imóvel.

Olhou-a e percebeu o que via. Parecia imóvel porque era uma onda muito grande e distante. E movia-se muito depressa, arrastando atrás de si a noite negra.

Muito depressa e já não muito distante. Também não era uma onda. Era demasiado grande. Era uma montanha de água, com relâmpagos dançando no topo, e avançava velozmente, rugindo, e ergueu a canoa como se fosse uma mosca.

Subindo para a curva alta e espumosa da onda, Mau introduziu o remo sob as lianas-papel que prendiam o flutuador e manteve-se firme enquanto...

...

... Chovia. Era uma chuva pesada e lamacenta, carregada de cinzas e tristeza. Mau acordou de sonhos de porco assado e homens rejubilantes, abrindo os olhos para um céu cinzento.

A seguir, vomitou.

A canoa balouçava lentamente na ondulação, enquanto Mau dava o seu pequeno contributo ao que já flutuava em redor: pedaços de madeira, folhas, peixes...

Peixes cozidos?

Mau remou para junto de um grande peixe *hehe*, que conseguiu puxar para bordo. Era verdade que fora cozido e era um banquete.

Precisava de um banquete. Sentia dores por todo o corpo. Um dos lados da sua cabeça estava pegajoso com o que se revelaria ser sangue. Nalgum ponto deveria ter batido com ela na canoa, o que não o surpreendia. A viagem através da onda era uma memória ensurdecidora e dolorosa, o tipo de sonho de que se gostaria de despertar. Conseguira apenas aguentar-se.

Houvera um túnel na água, como uma caverna móvel de ar no topo da onda gigante. E houvera uma explosão de espuma quando a canoa saiu da água como um golfinho. Era capaz de jurar que se tinha erguido no ar. E ouvira cantar! Ouvira-o durante apenas alguns segundos, enquanto a canoa descia velozmente as costas da onda. Seria um deus ou talvez um demónio... Ou talvez fosse apenas o que alguém ouvia na cabeça enquanto se permanece num estado intermédio entre o voo e o afogamento, num mundo em que a água e o ar trocam de lugar a cada segundo. Mas chegara ao fim e o mar que tentara matá-lo estava prestes a dar-lhe de jantar.

O peixe era bom. Conseguia sentir o calor regressar-lhe aos ossos. Havia muitos mais, flutuando com tudo o resto. Havia alguns cocos verdes e bebeu o leite com gratidão, começando a animar-se. Seria uma história e tanto! E uma onda tão grande teria chegado a casa e saberiam que não mentia.

A sua casa ficava... onde? Não conseguia ver a Ilha dos Rapazes. Não conseguia ver o céu. Não havia ilhas. Mas um horizonte era mais claro do que o outro. O sol punha-se algures nessa direção. Na noite anterior, vira o sol pôr-se sobre a Nação. Tinha de ser aquele o caminho. Começou a remar com afinco, observando o horizonte pálido.

Havia aves por toda a parte, pousadas em qualquer coisa que flutuasse. Eram sobretudo pequenos tentilhões, chilreando como loucos enquanto a canoa passava por eles. Alguns chegaram mesmo a esvoaçar e a pousar na própria canoa, mantendo-se próximos uns dos outros e fitando-o com uma espécie de otimismo desesperado e aterrado. Um até pousou sobre a sua cabeça.

Enquanto tentava retirá-lo do cabelo, ouviu-se um baque quando algo muito mais pesado aterrou na popa da canoa, fazendo os tentilhões dispersar e, a seguir, esvoaçar novamente para a canoa, por estarem demasiado cansados para chegar a qualquer outra parte. Mas mantiveram a distância possível do novo passageiro, porque este não era esquisito acerca de quem comia.

Era uma grande ave, com penas de um azul-escuro cintilante e peito branco, com pequenas penas brancas cobrindo-lhe as patas. O enorme bico, porém, coloria-se de vermelho e amarelo brilhantes.

Era um pássaro-avô e dava boa sorte (pelo menos às pessoas), mesmo que tivesse atrasado Mau e comido um dos seus peixes. Os pássaros-avô tinham aprendido a não ter medo das pessoas. Dava azar enxotar um. Conseguia sentir-lhe os olhos miúdos na nuca enquanto remava em diante. Esperava que lhe desse sorte. Com um pouco de sorte, poderia chegar a casa muito antes da meia-noite.

Ouviu-se um «Erk!» quando o pássaro-avô levantou voo novamente, com outro dos peixes cozidos de Mau no bico, fazendo balouçar a canoa por um momento. Bom, pelo menos estou um pouco mais leve, pensou Mau. Seja como for, não preciso dos peixes. Vou encher a barriga de porco esta noite.

O pássaro pousou pesadamente num tronco um pouco mais à frente. Era, na verdade, um tronco bastante grande. Aproximando-se, Mau viu que era a árvore completa, incluindo as raízes, apesar de muitos ramos terem sido arrancados.

Viu o machado erguendo-se das águas. Mas parte dele sabia já que o veria. A visão revelou-se aos seus olhos e, por um instante, tornou-se o centro do mundo.

O pássaro-avô, tendo manobrado o peixe de forma a conseguir engoli-lo inteiro, levantou voo da sua forma taciturna de quem não sabe se tudo aquilo valeria a pena e afastou-se, com as asas grandes e lentas quase tocando a água cheia de detritos.

Liberta do seu peso, a árvore começou a girar. Mas Mau estava já dentro de água e apanhou o machado enquanto este era submerso. Sustendo a respiração, uniu as pernas ao tronco da árvore e puxou. Fora esperto, não fora? Quando, naquele momento, que agora parecia ter sido há séculos atrás, cravara o machado com força na árvore para mostrar ao rapaz seguinte como era forte...

Deveria ter funcionado. Com um último puxão, o machado dever-se-ia ter libertado. Mas isso era o que deveria acontecer num mundo perfeito. A madeira inchada prendeu o machado com firmeza.

Mau mergulhou mais três vezes e emergia de cada vez, tossindo e cus-

pindo água salgada. Teve a sensação intensa e irada de que aquilo não era justo. Os deuses tinham-lhe enviado o machado. Disso não tinha dúvidas. Tinham-no enviado porque precisaria dele. Estava certo disso. E fracassara.

Acabou por nadar de volta à canoa e segurou o remo antes de o pássaro-avô desaparecer de vista. Voavam sempre para terra quando a noite caía e estava bastante seguro de que não restaria grande coisa da Ilha dos Rapazes a que pudesse voltar. A árvore *tabago* tinha centenas de anos e raízes mais grossas do que a sua cintura. Pareciam ser elas a segurar a ilha! Além disso, havia entre elas uma âncora divina. Nenhuma onda deveria ser capaz de deslocar uma âncora divina. Seria como mover o mundo.

O pássaro-avô continuou a voar. À sua frente, a linha fina do horizonte avermelhou-se, mais vermelha do que Mau alguma vez a vira antes. Remou tão depressa quanto conseguia, tentando não pensar no que encontraria. E, porque tentava não pensar, os pensamentos rodopiavam-lhe na cabeça como cães excitados.

Tentou acalmar-se. Pensou: Olha, a Ilha dos Rapazes era pouco mais do que um pedregulho rodeado por bancos de areia, não era? Não prestava para mais do que para ser um acampamento de pesca ou um sítio onde os rapazes tentassem tornar-se homens. A Nação tinha montanhas... bom... tinha uma montanha digna do nome... tinha um rio, tinha grutas, tinha florestas inteiras. Tinha homens que saberiam o que fazer!

Não saberiam? E que poderiam eles fazer?

Mas o pequeno retrato do seu festim de homem recém-formado estremeceu-lhe na cabeça. Não permanecia quieto e não conseguia encontrar o fio prateado que o conduzia até ele.

Algo escuro atravessara-se à frente do pôr-do-sol e quase irrompeu em lágrimas. Era uma onda de pôr-do-sol perfeita, avançando diante do disco vermelho que começava a afundar-se abaixo do horizonte. Cada homem nas Ilhas do Sol tatuava aquela imagem quando se tornava adulto e, dentro de poucas horas, sabia que também ele a ostentaria.

Depois, onde a onda estivera, surgiu a Nação. Conseguiria reconhecer a sua costa em qualquer parte. Talvez ficasse a umas cinco milhas de distância. Conseguiria remar mais oito milhas. E não tardaria a avistar as fogueiras alinhadas.

Remando com mais força, forçando os olhos para conseguir ver a forma escura no ocaso estranho, avistou a brancura da rebentação no recife. Em breve, veria a luz das fogueiras!

Conseguia sentir todos os cheiros da terra firme, exceto o único pelo qual ansiava: o cheiro a fumo.

A seguir, ali estava. Um pequeno indício pungente entre os cheiros a mar e floresta. Havia uma fogueira algures. Não conseguia vê-la, mas,

onde havia fumo, havia gente. Claro que, se a onda tivesse chegado ali, não restaria muita madeira seca. A onda não teria sido tão má. Não ali. Vira ondas grandes noutras ocasiões e provocavam danos. Lascavam uma canoa ou duas. Era verdade que aquela onda parecera muito grande, mas as ondas pareciam sempre grandes quando passavam por cima de alguém! As pessoas tinham subido a montanha para trazer madeira seca. Sim, fora isso que acontecera. Fora certamente isso que acontecera. Preocupara-se sem motivo. Regressariam em breve.

Era isso. Era assim que seria.

Mas não havia qualquer fio prateado. Conseguia criar imagens felizes na sua mente, mas estavam distantes, rodeadas pela escuridão, e não via caminho até elas.

A escuridão era quase completa quando entrou na lagoa. Conseguia distinguir folhas e ramos e embateu contra um grande fragmento de coral que deveria ter sido arrancado ao recife pela onda, mas era para isso que servia o recife. Absorvia o impacto das tempestades. Atrás do recife, em redor da lagoa, todos estavam seguros.

Com um pequeno beijo de areia esmagada, a canoa tocou a praia.

Mau saltou para fora e recordou a tempo o sacrifício. Deveria ser um peixe vermelho por uma viagem bem-sucedida e aquela viagem fora sem dúvida bem-sucedida, ainda que tivesse sido muito estranha. Não tinha um peixe vermelho, mas continuava a ser um rapaz e os deuses perdoavam muitas coisas aos rapazes. Pelo menos, pensara no assunto. Devia contar.

Não havia mais canoas. Devia haver muitas. Mesmo naquela penumbra, as coisas pareciam erradas. Não havia ninguém ali. Ninguém sabia que se erguia na praia.

Tentou, mesmo assim:

— Olá! Sou eu, Mau! Voltei!

Começou a chorar e isso tornou tudo pior. Chorara na canoa, mas fora apenas água escapando-lhe da cara e apenas ele o soube. Agora, as lágrimas escorriam com grandes soluços, pingando-lhe dos olhos, nariz e boca sem parar. Chorou pelos seus pais, por sentir medo, frio e por estar muito cansado. E também porque estava assustado e não conseguia fingir. Mas, acima de tudo, chorou porque só ele sabia.

Na floresta, algo o ouviu. E, junto à fogueira escondida, metal afiado reluziu.

A luz morreu no oeste. A noite e as lágrimas dominaram a Nação. A estrela da Água deslizou entre as nuvens como um assassino abandonando em silêncio o local de um crime.



CAPÍTULO 2

O NOVO MUNDO

Amanhã foi apenas uma noite mais clara. Mau sentiu que não dormira nada, encolhido entre as largas folhas caídas de um coqueiro, mas deve ter havido momentos em que o seu corpo e a sua mente se desligaram, em breves ensaios de morte. Acordou, ou talvez tivesse ressuscitado, com a luz mortiça e cinzenta, sentindo-se dorido e enregelado. As ondas praticamente não se moviam na praia e o mar tinha quase a mesma cor do céu. Gotas de água caíam do alto como lágrimas.

O pequeno rio que descia da montanha estava cheio de areia, lama e pedaços de árvores. Quando enfiou nele as suas mãos, percebeu que não corria. Limitava-se a ressumbrar. Por fim, Mau viu-se forçado a sugar a chuva que deslizava pelas folhas e soube-lhe a cinza.

A lagoa era um caos de corais partidos e a onda abrira um grande buraco no recife. A maré mudara e a água entrava. A Pequena Nação, que era pouco mais do que um banco de areia no extremo da lagoa, fora despojada de todas as suas árvores à exceção de uma, reduzida a um tronco danificado, inesperadamente ainda com algumas folhas presas.

Encontrar comida, água e abrigo... eram as coisas que precisava de fazer num sítio estranho e aquele era um sítio estranho, mesmo que ali tivesse nascido.

Conseguia ver que a aldeia desaparecera. A onda arrancara-a à ilha. Os restos amputados de postes assinalavam o local onde a casa longa se erguera desde... desde sempre. A onda rasgara o recife. Uma onda como aquela nem sequer teria notado a presença da aldeia.

Aprendera a observar linhas de costa durante viagens com o pai e os tios. Agora, olhando para cima, conseguia ver a história da onda, escrita em rochedos tombados e árvores partidas.

A aldeia virava-se para sul. Era necessário. Os outros três lados eram protegidos por penhascos altos e instáveis, onde as grutas ecoavam o ruído das ondas e transbordavam com espuma. A onda viera de sul do leste. O rasto de árvores partidas marcava-lhe o percurso.

Todos teriam estado na praia, à volta da grande fogueira. Teriam ouvido o rugido da onda acima do crepitar das chamas? Teriam compreendido o que significava? Se tivessem sido rápidos, teriam subido o Vale dos Porcos Grandes para chegar a terreno elevado do outro lado dos campos. Mas parte da onda subiria já a encosta oriental (ali existia apenas erva e não havia nada que conseguisse fazê-la abrandar) e teriam sido surpreendidos por ela.

A seguir, o desmoronar de rocha e areia, de água e gente teria rompido o recife a ocidente, atingindo as águas profundas, onde as pessoas se teriam transformado em golfinhos.

Mas não todos. A onda deixara para trás peixe, lama e caranguejos, para deleite dos pássaros perna-de-porco, dos corvos-cinzentos e, claro, dos pássaros-avô. A ilha enchia-se de aves naquela manhã. De aves que Mau nunca vira antes, defrontando as aves familiares e quotidianas.

E havia gente, enredada em troncos partidos, meio enterrada em lama e folhas, sendo apenas mais uma parte do mundo arruinado.

Levou longos segundos a perceber o que olhava, a perceber que o que julgara ser um ramo partido era um braço.

Olhou em redor, lentamente, e percebeu porque havia tantas aves e porque lutavam...

Correu. As suas pernas levaram-no e correu, gritando nomes, pela encosta acima, passando os campos baixos, cobertos com detritos, passando as plantações altas, demasiado altas até para a onda, e quase chegando ao limiar da floresta. Aí, ouviu a sua voz, ecoando dos penhascos.

Ninguém. Mas teria de haver alguém...

Estavam todos à espera de alguém que deixara de ser um rapaz mas que ainda não se tornara um homem.

Aproximou-se do Sítio das Mulheres — totalmente proibido para qualquer homem, claro — e arriscou uma olhadela rápida através da grande sebe que rodeava as hortas, intocada pela água, mas não viu nada que se movesse e nenhuma voz respondeu do interior ao seu grito.

Tinham esperado na praia. Conseguia vê-los tão claramente na sua mente, conversando, rindo e dançando em círculos à volta da fogueira, mas não havia fio prateado, nada que pudesse puxá-los de volta.

Tinham esperado um novo homem. A onda devia ter caído sobre eles como um martelo.

Enquanto descia novamente aos campos, pegou num ramo partido e enxotou sem sucesso as aves. Havia cadáveres espalhados em redor, sobre a terra devastada onde a aldeia se erguera. A princípio, eram difíceis de ver, rodeados como estavam por detrito e cinzentos como a lama cor de cinza. Teria de lhes tocar. Precisavam de ser movidos. Os porcos não tardariam a descer. Pensar nos porcos a comer... Não!

Havia alguma claridade atrás das nuvens a leste. Como era possível? Passara-se outra noite? Dormira? Onde estivera? Mas o cansaço tê-lo-ia certamente dominado. Arrastou alguns ramos com folhas e ergueu-os contra uma grande rocha para fazer um abrigo. Rastejou para o interior e sentiu que o cinzento da lama e da chuva e o céu que parecia ferido se esgueiravam em silêncio e o cobriam.

E Mau sonhou. Tinha de ser um sonho. Sentiu que se tornava duas pessoas. Uma delas, um corpo cinzento feito de lama, começou a procurar os corpos que a onda não levava. Fê-lo com o cuidado e o carinho possíveis, enquanto o outro Mau permanecia no abrigo, encolhido, ocupado a sonhar.

E quem sou eu, que faço isto, pensou o Mau cinzento. Quem sou eu agora? Tornei-me como Locaha, medindo os contornos da morte. Antes ser ele do que Mau, neste dia... porque aqui está um corpo. E Mau não o verá, não o erguerá e não olhará os seus olhos, porque enlouqueceria. Por isso, faça-o por ele. E este tem uma cara que viu todos os dias da sua vida, mas não lhe permitirei que o veja.

E assim trabalhou, enquanto o céu clareava e o sol se erguia de trás do manto de névoa a oriente e a floresta irrompia na sua canção, apesar do aguaceiro. Vasculhava as encostas inferiores até encontrar um corpo, arrastava-o ou carregava-o — alguns eram suficientemente pequenos para carregar — de volta à praia e ao local de onde se conseguia ver a maré. Era frequente que houvesse tartarugas ali, mas não naquele dia.

Ele, a sombra cinzenta, encontraria pedras e grandes pedaços de coral — havia vários —, prendendo-os ao corpo envolto em casca fina de árvore. E precisava de usar faca e cortar o buraco do espírito, pensava o Mau cinzento, para que o espírito partisse depressa e puxasse o corpo para as ondas onde a corrente o afundaria, antes de partir.

O Mau sonhador deixava que o seu corpo pensasse: Ergues assim, puxas assim. Cortas liana-papel assim e não gritas porque és uma mão, um corpo e uma face e estes são incapazes de derramar lágrimas. Estás dentro de uma pele grossa e cinzenta que não te deixa sentir nada. E nada consegue penetrá-la. Nada de nada. Fazes o corpo afundar-se lentamente na cor-

rente escura, longe das aves, dos porcos e das moscas, onde ganhará uma nova pele e se tornará um golfinho.

Havia também dois cães e isso quase o venceu. Com as pessoas, o horror era tão grande que a sua mente se esvaziou, mas os corpos torcidos dos cães feriram-lhe a alma. Estavam com as pessoas, entusiasmados mas sem saber porquê. Embrulhou-os em liana-papel, prendeu-lhes pesos e lançou-os à corrente, mesmo assim. Os cães quereriam ficar com as pessoas porque, à sua maneira, também eram pessoas.

Mas não soube de que fazer ao leitão. Estava sozinho. Talvez a porca tivesse fugido para a floresta alta, como faziam quando, da sua forma suína, sentiam que as águas subiam. Aquele não conseguira acompanhá-la. O estômago dizia-lhe que era comida, mas recusou. Não aquele. Não aquela criatura pequena, triste e traída. Empurrou-o para a corrente. Os deuses teriam de lidar com ele. Sentia-se demasiado cansado.

O pôr-do-sol aproximava-se quando arrastou o último corpo para a praia e estava prestes a entrar na corrente quando o seu corpo lhe disse: «Não, este não. Este és tu e estás muito cansado, mas não estás morto. Precisas de comer, beber e dormir. E, acima de tudo, precisas de tentar não sonhar.»

Manteve-se de pé durante algum tempo, até interiorizar as palavras. A seguir, voltou a subir a praia, encontrou o seu abrigo improvisado e deixou-se cair nele.

O sono veio, mas não trouxe nada de bom. Uma e outra vez, encontrava os corpos e levava-os para a praia por serem tão leves. Tentavam falar com ele, mas não conseguia ouvi-los porque as palavras não conseguiam penetrar a sua pele cinzenta. Aquele corpo era estranho. Uma rapariga fantasmagórica, completamente branca. Tentou falar com ele várias vezes, mas voltou a perder-se no sonho, como os outros. O sol e a lua giravam no céu e seguia em frente num mundo cinzento, a única coisa que se movia entre os véus de silêncio. Para sempre.

A seguir, alguém lhe falou do meio do cinzento.

QUE FAZES, MAU?

Olhou em redor. A terra parecia estranha, sem cor. O sol brilhava, mas era negro.

Quando as vozes voltaram a ouvir-se, pareciam vir de todas as direcções em simultâneo, trazidas pelo vento.

NÃO HÁ TEMPO PARA DORMIR. HÁ TANTA COISA A FAZER.

— Quem são vocês?

SOMOS OS AVÔS!

Mau tremeu e não conseguiu fazer mais do que tremer. As suas pernas não se moviam.

— A onda veio — conseguiu dizer. — Estão todos mortos! Enviei alguns para a água escura!

TENS DE ENTOAR O CÂNTICO DA ÁGUA ESCURA.

— Não sabia como o fazer!

PRECISAS DE RESTAURAR AS ÂNCORAS DIVINAS.

— Como faço isso?

PRECISAS DE CANTAR A CANÇÃO DA MANHÃ E A CANÇÃO DA NOITE.

— Não sei as palavras! Não sou um homem! — disse Mau, em desespero.

PRECISAS DE DEFENDER A NAÇÃO! PRECISAS DE FAZER AS COISAS QUE SEMPRE FORAM FEITAS!

— Mas sou só eu! Todos os outros morreram!

TUDO O QUE A NAÇÃO FOI, TU ÉS! ENQUANTO FORES, A NAÇÃO SERÁ! ENQUANTO RECORDARES, A NAÇÃO VIVERÁ!

Houve uma alteração na pressão do ar e os Avôs... partiram.

Mau pestanejou e acordou. O sol era amarelo e ia a meio do céu. A seu lado havia uma coisa de metal, redonda e chata, sobre a qual tinha sido colocado um coco com o topo cortado e uma manga.

Olhou-os.

Estava sozinho. Mais ninguém poderia estar ali. Agora não. Não haveria ninguém para lhe deixar comida e desaparecer.

Baixou os olhos para a areia. Havia pegadas. Não eram grandes, mas não tinham dedos.

Ergueu-se com muito cuidado e olhou em redor. A criatura sem dedos observava-o, isso era certo. Talvez... talvez os Avôs a tivessem enviado?

— Obrigado — disse, dirigindo-se ao nada.

Os Avôs tinham falado com ele. Pensou naquilo enquanto roía a manga em torno do enorme caroço. Nunca os ouvira antes. Mas as coisas que desejavam... como poderia um rapaz fazê-las? Os rapazes não podiam aproximar-se da sua gruta. Era uma regra clara.

Mas, mesmo assim, faziam-no. Mau tinha oito anos quando seguira alguns dos rapazes mais velhos. Não o tinham visto enquanto se movera entre as sombras através da floresta alta e até aos prados, onde se podia ver até ao fim do mundo. Os pássaros-avô faziam os ninhos ali e era por isso que se chamavam pássaros-avô. Os rapazes mais velhos tinham-lhe dito que os pássaros eram espiões dos Avôs e que se lançariam sobre quem se aproximasse demasiado para lhe furar os olhos. Sabia que não era verdade porque os observava e sabia que, a não ser que houvesse cerveja por perto, não atacariam nada maior do que um rato se acreditassem que aquele conseguiria reagir. Mas algumas pessoas diriam qualquer coisa para assustar os outros.

Depois dos prados, situava-se a Gruta dos Avôs, suportando o vento e o sol, observando todo o mundo. Viviam atrás de uma porta redonda de pedra que só podia ser movida por dez homens e, quem vivesse cem anos, poderia vê-la mover-se apenas algumas vezes porque só os maiores homens, os maiores caçadores e guerreiros, se tornavam Avôs quando morriam...

No dia em que seguira os rapazes, Mau sentara-se e observara entre a folhagem densa de uma árvore enquanto se desafiavam uns aos outros a aproximarem-se da pedra, tocando-lhe e aplicando-lhe um pequeno empurrão. A seguir, alguém gritou que ouvira alguma coisa e, segundos depois, tinham desaparecido por entre as árvores, correndo para casa. Mau esperara um pouco mais e, vendo que nada acontecia, desceu e foi escutar junto à pedra. Ouvira um estalo ténue e quase inaudível, mas, a seguir, um pássaro-avô no penhasco por cima começou a vomitar (as criaturas feias não se limitavam a comer tudo, comiam tudo de tudo e vomitavam cuidadosamente o que não encaixasse, o que não soubesse bem ou o que tivesse acordado e começado a protestar). Não havia nada de assustador. Ninguém vira os Avôs sair. A pedra estava lá por um motivo. Era pesada por um motivo. Esqueceu o ruído. Teriam sido insetos na erva.

Nessa noite, na cabana dos rapazes, os rapazes mais velhos gabaram-se aos mais novos de terem feito rolar a grande pedra e contaram que os Avôs tinham voltado as suas faces antigas e secas para os olhar, tentando erguer-se sobre pernas que se desfaziam enquanto os rapazes (com grande coragem) voltavam a colocar a pedra no sítio, no momento certo.

E Mau mantivera-se deitado no seu canto, pensando na quantidade de vezes que aquela história tinha sido contada ao longo dos séculos anteriores, para fazer os rapazes maiores sentirem-se corajosos e para que os rapazes mais pequenos tivessem pesadelos e se molhassem durante a noite.

Agora, cinco anos depois, sentava-se e movia nas mãos a coisa redonda cinzenta que servira de suporte à manga. Parecia metal, mas quem teria tanto metal que poderia desperdiçá-lo num suporte de comida?

Havia marcas. Diziam *Doce Judy* em tinta branca esbatida, mas diziam-no em vão.

Mau era bom a ler coisas importantes. Conseguia ler o mar, o tempo, os rastos de animais, tatuagens e o céu noturno. Não havia nada para ler em linhas de tinta estalada. Mas qualquer pessoa conseguiria ler areia molhada. Uma criatura sem dedos nos pés saíra da floresta baixa e voltara pelo mesmo caminho.

Nalgum momento passado, alguma coisa rasgara a rocha da ilha, deixando um vale longo e baixo no lado oriental que não se erguia muito acima do nível do mar e quase não tinha terra. Algumas coisas não tardaram

a enraizar-se, mesmo assim, porque haverá sempre qualquer coisa a crescer em qualquer parte.

A floresta baixa era sempre quente, húmida e salgadiça, com a atmosfera pegajosa, irritante e vaporosa de um sítio que nunca vê grande renovação do ar. Mau forçara-se a passar por lá algumas vezes, mas não havia nada de muito interessante, pelo menos junto ao chão. Tudo acontecia no alto, nas copas. Havia figos selvagens. Só as aves conseguiam alcançá-los e lutavam pelos petiscos, o que significava que havia uma chuva constante de excremento de ave e figos parcialmente comidos sobre o solo da floresta que, por sua vez, era um festim permanente para os pequenos caranguejos vermelhos que se moviam em redor e limpavam tudo o que caísse. Por vezes, os porcos desciam para comer os caranguejos e a floresta baixa merecia, por isso, uma visita ocasional. Mas exigia cuidado porque, frequentemente, havia por lá um ou outro polvo-trepador, procurando pássaros no ninho e qualquer coisa que conseguissem encontrar. E era difícil arrancá-los quando aterravam na cabeça de alguém. Mau sabia que não devia deixá-los pensar que era um coco. Aprendia-se isso depressa porque tinham bicos afiados.²

Aproximava-se agora dos enormes rochedos partidos que se erguiam à entrada do vale. Parou.

Algo muito maior do que uma ave ou um porco embatera contra a floresta. Não podia ter sido apenas a onda. Alguma coisa enorme abrira caminho por ali, deixando um rasto de árvores esmagadas que se prolongava a grande distância.

E não eram apenas árvores. Deixara também tesouros para trás. Pedras! Pedras redondas e cinzentas, pedras castanhas, pedras negras... Pedras duras e boas que podiam ser usadas para muitos fins. A pedra da montanha desfazia-se com demasiada facilidade para ser usada no fabrico de armas decentes.

Mas Mau resistiu à tentação de as recolher naquele momento. Porque as pedras não iriam a parte alguma e, além disso, havia o homem morto. Estava deitado junto ao rasto, como se a criatura o tivesse lançado para o lado, e cobriam-no pequenos caranguejos vermelhos a ter um dia de muita sorte.

Mau nunca vira um homem como aquele, mas ouvira falar deles, da gente pálida do Norte que cobria as pernas com pano para parecerem as pernas de um pássaro-avô. Chamavam-lhes homens-calças e eram pálidos como fantasmas. Aquele não o preocupava, não depois da lembrança do dia anterior, que gritava constantemente atrás de uma porta na sua cabeça. Era apenas um morto. Não o conhecia. As pessoas morriam.

² O polvo-trepador (*octopus arbori*) faz parte da fauna da Ilha Onde Nasce o Sol, no Arquipélago do Dia da Mãe. São gatunos extremamente inteligentes e astutos.

Mau não sabia o que fazer com ele, sobretudo porque os caranguejos sabiam. Entredentes, disse:

— Avôs, que farei com o homem-calças?

Ouviu-se um som como se a floresta respirasse fundo e os Avôs disseram: ELE NÃO É IMPORTANTE! APENAS A NAÇÃO É IMPORTANTE!

Não ajudava muito. Por isso, Mau puxou o homem para longe do rasto de destruição, para uma parte mais funda da floresta, com um exército de pequenos caranguejos seguindo-o com grande determinação. Tinham sido anos de sementes de figo e caca de pássaro. Suportaram-no como caranguejos ordeiros, pareciam dizer, mas chegara a altura de o seu mundo se tornar perfeito.

Havia outro homem-calças mais adiante pelo caminho, também largado pela criatura. Mau nem sequer pensou no assunto daquela vez, limitando-se a arrastá-lo também para entre a vegetação. Era o melhor que podia fazer. Nos últimos tempos, caminhara demasiado nas passadas de Lochaha. Talvez os caranguejos levassem a alma do homem de volta ao mundo dos homens-calças, mas, ali e agora, Mau tinha de pensar noutros assuntos.

Algo saíra do mar sobre a onda, pensou. Algo grande. Maior do que um crocodilo-vela³, maior do que uma canoa de guerra, maior mesmo do que... uma baleia? Sim, podia ser isso. Uma grande baleia. Porque não? A onda tinha lançado grandes rochedos para lá da aldeia. Uma baleia não conseguiria resistir. Sim, uma baleia. Era isso. Debatendo-se na floresta com a sua grande cauda e morrendo lentamente, esmagada pelo próprio peso. Ou uma das lulas gigantes, pensou. Ou um tubarão imenso.

Precisava de ter a certeza. Precisava de descobrir. Olhou em redor e pensou: Sim, mas não às escuras. Não ao anoitecer. Pela manhã, voltaria com armas. E, pela manhã, o animal poderia já ter morrido.

Escolheu um par de pedras de aspeto útil no rasto do monstro e regressou a correr.

A noite cobriu a selva. Os pássaros adormeceram, os morcegos despertaram. Algumas estrelas mostraram-se no céu desolado.

E, no emaranhado de árvores partidas ao fundo do rasto, alguma coisa chorou durante toda a noite.

Mau acordou cedo. Não havia mais fruta na coisa redonda de metal, mas um pássaro-avô observava-o, esperançoso, desejando que estivesse morto. Quando o viu mover-se, suspirou e bamboleou-se dali para fora.

³ O crocodilo-vela (*crocodylus porosus Maritimus*) ainda se encontra em todo o Oceano Pelágico. Cobre distâncias imensas à superfície graças a uma grande «vela» de pele e cartilagem, que, até certo ponto, consegue manobrar.

Fogo, pensou Mau. Preciso de fazer fogo. E para isso preciso de acendalhas. O seu saco de acendalhas estava todo enlameado por culpa da onda. Mas havia sempre lenha que podia usar na floresta alta.

Sentia fome, mas precisava de uma fogueira. Sem fogueira e uma lança, não poderia esperar ser um homem, pois não?

Passou algum tempo a martelar o metal entre as duas pedras que trouxera do rasto do monstro e conseguiu uma longa lasca de metal, que era aguçada, mas muito flexível. Era um bom começo. A seguir, lascou uma pedra contra a outra até conseguir um sulco que lhe permitisse prendê-la a um pau com liana-papel. Rodeou uma extremidade da nova faca de metal com liana-papel para obter uma espécie de punho.

Enquanto o sol se erguia, Mau fazia o mesmo e ergueu a nova clava e a nova faca.

Sim! Podiam ser coisas patéticas que um homem teria deitado fora, mas permitiam-lhe matar coisas. E isso não era parte de ser homem?

O pássaro-avô continuava a observá-lo de distância segura, mas, quando viu a sua expressão, afastou-se apressadamente e ergueu-se no ar de forma atabalhoada.

Mau subiu à floresta alta, enquanto o sol ia aquecendo. Pensou na última vez em que comera. Tinha comido a manga, mas há quanto tempo? Era difícil lembrar-se. A Ilha dos Rapazes ficava muito longe no tempo e no espaço. Desaparecera. Tudo desaparecera. A Nação desaparecera. As pessoas, as cabanas, as canoas. Tudo fora destruído. Existiam apenas na sua cabeça agora, como sonhos, escondidos atrás de uma muralha cinzenta...

Tentou travar o pensamento, mas a muralha cinzenta desmoronou-se e todo o horror, toda a morte, toda a escuridão o atingiu. Preencheram-lhe a cabeça e zumbiram como um enxame. Tudo que vira e escondera de si próprio, todos os sons, todos os cheiros deslizaram para fora da sua memória.

Subitamente, tudo se tornou claro. Uma ilha cheia de gente não podia morrer. Mas um rapaz sim. Sim, era isso! Fazia sentido! Estava morto! E o seu espírito voltara para casa, mas conseguia ver apenas o mundo dos espíritos! Era um fantasma. O seu corpo estava na Ilha dos Rapazes, sim! E a onda não fora real. Fora Locaha, que viera buscá-lo. Tudo fazia sentido. Morreria em terra sem ninguém que o fizesse repousar na água profunda e era um fantasma, uma coisa deambulante. E as pessoas rodeavam-no, na terra dos vivos.

Pareceu a Mau que não era assim tão grave. O pior já acontecera. Não voltaria a ver a sua família, porque todos penduravam sacos contra os fantasmas à volta das cabanas, mas saberia que continuavam vivos.

O mundo respirou fundo.

PORQUE NÃO SUBSTITUÍSTE AS ÂNCORAS DIVINAS? PORQUE NÃO ENTOASTE AS CANÇÕES? PORQUE NÃO RESTAURASTE A NAÇÃO?

O pequeno vale dos pássaros-avô flutuava diante dos olhos de Mau. Pelo menos, acreditariam nele daquela vez.

— Estou morto, Avôs.

MORTO? DISPARATE. NÃO ÉS SUFICIENTEMENTE BOM PARA ESTAR MORTO!

Uma dor quente atingiu o pé esquerdo de Mau. Encolheu-se e gritou e um pássaro-avô, que também decidira que ele estava morto e lhe tinha bicado o pé para ter a certeza, afastou-se, apressado. Mas não foi muito longe, para o caso de ter realmente morrido. A experiência do pássaro-avô dizia-lhe que tudo morria, se fosse observado durante tempo suficiente.

Pronto, não estou morto, pensou Mau, endireitando-se. Mas morto de cansaço. Um sono repleto de sonhos sinistros não era sono, era como uma refeição de cinzas. Precisava de fogo, de comida real. Todos sabiam que a fome provocava pesadelos. Não queria que os pesadelos voltassem. Eram sobre águas escuras e alguém que o perseguia.

Lama e areia tinham coberto os campos, mas, pior do que isso, a onda destruíra as cercas de espinheiro e os porcos tinham foçado a terra durante a noite, enquanto Mau era mantido prisioneiro pelos seus sonhos. Era provável que restasse qualquer coisa entre a imundície, se procurasse durante tempo suficiente. Mas um homem não podia comer onde um porco já comera.

Havia muita comida selvagem na ilha: fruta invertida, raiz do azar, caules de *malla*, árvores da estrela vermelha, nozes de liana-papel... Permittiam sobreviver, mas uma grande parte teria de ser mastigada durante muito tempo e, mesmo assim, saberia a coisa que alguém tivesse comido antes de nós. Os homens comiam peixe ou porco, mas a água da lagoa continuava turva e não vira um porco desde que regressara. E estes eram manhosos. Um homem sozinho podia conseguir um golpe certo com sorte se um porco descesse a floresta baixa à noite para comer caranguejos, mas, depois de subirem à floresta alta, eram precisos muitos homens para apanhar um único porco.

Encontrou rastos assim que entrou na floresta. Os porcos deixavam sempre rastos. Mas eram recentes e por isso ele vasculhou um pouco em redor para perceber o que tinham procurado e descobriu alguns tubérculos de raiz-louca, grandes, brancos e suculentos. Era provável que os porcos estivessem tão cheios com a comida dos campos que foçassem a terra apenas por hábito e não conseguissem comer um único tubérculo. Os tubérculos de raiz-louca precisavam de ser assados antes de poderem ser comidos ou provocavam a loucura. Os porcos comiam-nos crus, mas era provável que os porcos não notassem se enlouqueciam ou não.

Não havia lenha seca. Havia ramos apodrecidos por toda a parte, mas estavam completamente ensopados. Além disso, pensou, enquanto embrulhava os tubérculos em liana-papel, não encontrara ainda pedras de fogo ou galhos decentes e secos para servirem como paus de fogo.

O avô Nawi, que não participava nas incursões por culpa da sua perna torcida, levava às vezes os rapazes para seguir rastos e caçar e costumava falar do arbusto das lianas-papel. Crescia por toda a parte. As suas folhas longas eram muito duras, mesmo quando estavam secas e estalavam.

— Peguem num pedaço de liana ao comprido e é verdade que precisa da força de dois homens para partir. Mas entrelacem cinco pedaços de liana numa corda e cem homens não conseguirão parti-la. Quanto mais puxarem, mais se une e mais forte se torna. É assim a Nação.

Costumavam rir nas suas costas do seu andar bamboleante e não lhe prestavam grande atenção porque, afinal, que poderia saber um homem com uma perna torcida sobre alguma coisa importante? Mas certificavam-se de que apenas riam quando ele estivesse distante porque Nawi tinha sempre um sorriso alheado e uma expressão que dizia que sabia mais sobre cada pessoa do que esta poderia supor.

Mau tentara não rir demasiado porque gostava de Nawi. O velho observava o voo das aves e conhecia sempre os melhores sítios para pescar. Conhecia a palavra mágica que mantinha os tubarões à distância. Mas não foi cuidadosamente seco na areia quente e levado para a Gruta dos Avôs quando morreu porque nascera com uma perna que não funcionava bem e isso significava que tinha sido amaldiçoado pelos deuses. Conseguia olhar um tentilhão e dizer em que ilha tinha nascido. Costumava observar as aranhas a tecer as teias e via coisas em que as outras pessoas não reparavam. Pensando no assunto, Mau questionou-se sobre o motivo que levaria um deus a amaldiçoar alguém daquela forma. Nascera com a perna assim. Que poderia ter feito um bebé para enfurecer os deuses?

Um dia, ganhou coragem para lhe perguntar. Nawi sentava-se nas rochas, olhando ocasionalmente o mar enquanto talhava qualquer coisa, mas olhou Mau de uma forma que indicava que não rejeitaria companhia.

O velho riu-se da pergunta.

— Foi uma dádiva, rapaz. Não foi uma maldição — disse. — Quando muito é levado, algo é oferecido. Porque tenho uma perna inútil, tive de ganhar um cérebro inteligente! Não consigo correr e, por isso, aprendi a observar e esperar. Conto-te estes segredos a ti e aos outros rapazes e riem-se. Quando caço, nunca regresso de mãos vazias, pois não? Acho que os deuses olharam para mim e disseram para si próprios: «Este é esperto, hã? Vamos dar-lhe uma perna defeituosa para o impedir de ser um guerreiro e forçá-lo

a ficar em casa entre as mulheres» (um destino que tem muito a seu favor, rapaz, acredita). Agradeço-lhes por isso.

Mau ficara chocado ao ouvir aquilo. Todos os rapazes queriam ser guerreiros.

— Não quiseste ser um guerreiro?

— Nunca. Uma mulher precisa de nove meses para fazer uma pessoa nova. Porquê desperdiçar o seu esforço?

— Mas, quando morresses, poderias ser levado para a gruta e poderias vigiar-nos para sempre!

— Ah! Acho que já vos vi que chegue! Gosto de ar fresco, rapaz. Tornar-me-ei um golfinho como qualquer outra pessoa. Verei o céu escurecer e perseguirei os tubarões. Porque todos os grandes guerreiros serão fechados na sua gruta, haverá muito mais golfinhos-fêmea do que machos, o que é um pensamento agradável. — Curvou-se para diante e fitou os olhos de Mau. — Mau... — disse. — Sim, lembro-me de ti. Sempre atrás dos outros. Mas conseguia ver-te a pensar. Não há muita gente que pense, que pense a sério. Apenas pensam que pensam. E, quando se riam do velho Nawi, tu não querias fazê-lo. Mas rias-te para seres como eles. Não estou certo?

Como conseguira perceber aquilo? Mas era impossível negar. Não com aqueles olhos pálidos a trespassá-lo.

— Sim. Desculpa.

— Muito bem. E, agora que respondi às tuas perguntas, acho que me deves um favor.

— Queres que te faça um recado? Ou talvez pudesse...

— Quero que recordes uma coisa. Ouviste dizer que conheço uma palavra capaz de repelir tubarões?

— As pessoas dizem que sim, mas riem-se.

— Sim, claro. Mas funciona. Experimentei-a três vezes. A primeira foi quando a descobri, quando estava prestes a ver a minha perna boa ser arrancada. A seguir, experimentei-a de uma jangada, para ver se apenas tinha tido sorte na primeira vez. Depois, nadei além do recife, um dia, e afugentei um cabeça-de-martelo.

— Foste à procura de um tubarão? — perguntou Mau.

— Sim. Se bem me lembro, era dos grandes.

— Mas podias ter sido comido!

— Oh, não sou mau com a lança e precisava de descobrir — explicou Nawi, sorrindo. — Alguém teve de comer a primeira ostra, percebes? Alguém olhou para aquela metade de concha cheia de ranho e ganhou coragem.

— Porque não a sabem todos?

O sorriso permanente de Nawi esmoreceu um pouco.

— Sou um pouco estranho, não sou? E os sacerdotes não gostam muito de mim. Se contasse a toda a gente e alguém morresse, acho que as coisas ficariam muito complicadas para mim. Mas alguém deve saber e tu és um rapaz que faz perguntas. Não a uses até eu morrer, está bem? Ou até estares prestes a ser comido por um tubarão, claro.

E ali, nas rochas, enquanto o pôr-do-sol tingia o mar de vermelho, Mau aprendeu a palavra dos tubarões.

— É um truque! — disse, sem pensar.

— Mais baixo — ripostou Nawi, olhando a praia. — Claro que é um truque. Construir uma canoa é um truque. Arremessar uma lança é um truque. A vida é um truque e só tens uma hipótese para o aprender. Agora, conheces outro truque. Se te salvar a vida um dia, apanha um grande peixe e atira-o ao primeiro golfinho que vires. Com sorte, serei eu!

Agora, o velho e a sua perna eram apenas uma memória, juntamente com todos os que Mau conhecera. O peso de tudo fê-lo querer gritar. O mundo tornara-se vazio.

Baixou o olhar para as mãos. E fizera uma clava. Uma arma para quê? Porque o fazia sentir-se melhor? Mas precisava de ficar vivo. Sim! Se morresse, seria como se a Nação nunca tivesse existido. A ilha ficaria entregue aos caranguejos vermelhos e aos pássaros-avô. Não haveria ninguém que dissesse que ali vivera gente.

Ouviu-se um bater de asas por cima. Um pássaro-avô acabara de aterrar numa árvore de copa emaranhada. Mau sabia-o, mesmo que não conseguisse vê-lo através dos muitos ramos. Os pássaros-avô eram trapalhões e, em vez de aterrarem, o que faziam era despenhar-se lentamente. Saltitou lá por cima, com um *nab-nab* que fazia lembrar um resmungo, e seguiu-se o som familiar de vômito antes de uma chuva de pequenos ossos decorar o chão da floresta.

A árvore abanou quando o pássaro-avô voltou a levantar voo. Elevou-se com um bater de asas, viu Mau, decidiu verificar se poderia estar morto e aterrou pesadamente sobre um ramo de árvore que mal se via com a sua carga de trepadeiras asfíxiantes.

Por um momento, rapaz e pássaro olharam-se.

O ramo estalou.

O pássaro-avô grasnou e saltou, antes que a madeira apodrecida embatesse no solo, desaparecendo enquanto batia as asas e grasnava de orgulho ferido, embrenhando-se na vegetação rasteira. Mau não lhe prestou qualquer atenção. Fitava a nuvem de pó amarelo fino que se erguia do ramo caído. Era o que resultava quando a podridão, as térmitas e o tempo tornavam oco um ramo morto. E aquele erguera-se no ar, longe do alcance da

humidade. O pó fazia lembrar pólen. Seria o melhor combustível para fazer uma fogueira.

Ergueu o maior fragmento de ramo que conseguiria segurar, selou as duas extremidades com folhas e começou a descer a montanha.

Havia porcos a foçar os campos, mas não teve tempo para os enxotar. Uma liana-papel não é difícil de partir, pensou, e cinco unidas são fortes. É bom sabê-lo e é verdade. O problema é que sou apenas um.

Parou. Seguia pelo caminho alternativo, mais íngreme, até à aldeia... até ao sítio onde antes existira a aldeia. A onda também varrera a ilha ali. Havia árvores partidas e tudo tresandava a algas. Mas, do outro lado das árvores destruídas, havia um penhasco sobre a floresta baixa...

Mau cobriu cuidadosamente os tubérculos e o ramo com erva e abriu caminho através do emaranhado de trepadeiras e galhos no limiar do penhasco. Era possível subir ou descer com grande facilidade. Fizera-o antes. Havia tantas raízes, ramos e trepadeiras crescendo sobre a pedra e tanta terra e velhos ninhos de aves permitiam que germinasse cada semente trazida pelo vento. O penhasco assemelhava-se mais a um prado vertical, com flores por todo o lado. Também havia liana-papel. Havia sempre liana-papel. Cortou o suficiente para fabricar uma bandoleira para a clava enquanto ia sussurrando agradecimentos à Mulher Liana-Papel pelo seu cabelo sempre fiável.

Deslizou até ao extremo e afastou um aglomerado de orquídeas.

Névoas erguiam-se por toda a parte lá em baixo, mas conseguia ver o rasto que o monstro abrira na floresta, uma cicatriz branca que se prolongava ao longo de mais de oitocentos metros. Parava junto a um conjunto de figueiras que cresciam na parte mais alta da floresta baixa. Eram enormes. Mau conhecia-as bem. Os seus troncos eram suportados por raízes impressionantes que pareciam poder penetrar até ao centro do mundo. Eram capazes de travar qualquer coisa, mas a névoa e as copas impediam-no de ver o que tinha sido travado.

Mas ouviu uma voz. Era muito difusa, mas vinha algures de baixo. Parecia canto, mas não muito. Para Mau, parecia apenas «na, na, na».

Mas era uma voz humana. Talvez fosse outro homem-calças? A voz era um pouco esganiçada. Existiriam mulheres-calças? Ou poderia ser um fantasma. Haveria muitos fantasmas depois do que acontecera.

Passava do meio-dia. Se fosse um fantasma, estaria muito fraco. Era ele a Nação. Tinha de fazer alguma coisa.

Começou a descer pelo penhasco, o que era fácil, mesmo para quem tentava mover-se em silêncio e apesar das aves que esvoaçavam à sua volta. Estremeceu. Não sabia fazer um saco contra fantasmas. Era uma tarefa de mulher.

O ruído um pouco como canto continuou. Talvez fosse mesmo algum tipo de fantasma. Os pássaros tinham feito tamanho chinfrim que qualquer pessoa viva teria parado para investigar.

Os seus pés tocaram as lascas de pedra e raízes que cobriam o chão da floresta baixa e avançou em silêncio por entre as árvores curvadas.

— Na, na, na — *clingue!* — Na, na na — *clingue!*

Parecia metal. Mau segurou a clava com as duas mãos.

—... dai, aos, confusos, paz — *clingue!* — ... e ouvi-nos, quando, Vos imploramos — *clingue!* —... por, aqueles que correm perigo no mar! — *clangue!* — Raios!

Mau espreitou de trás da raiz de uma figueira gigantesca.

Havia muito para ver.

Algo tinha sido danificado, mas não era algo vivo. Era uma espécie de canoa gigante presa entre os troncos de duas árvores e coberta com destroços que pareciam dignos de investigação, mas não naquele momento. Um grande buraco lateral deixava sair pedras. Mas tudo isso era secundário. Muito mais perto de Mau, e fitando-o, horrorizada, havia uma rapariga... provavelmente. Mas podia ser um fantasma. Era muito pálida.

E também era um homem-calças. As calças eram brancas e com franjas, como as patas cobertas de penas de um pássaro-avô, mas tinha também uma espécie de saia rodeando-lhe a cintura. E o cabelo brilhava ao sol. Tinha estado a chorar.

Também tentara cavar o solo florestal com um tipo estranho de lança de extremidade espalmada, que brilhava como metal. Era uma coisa estúpida para se fazer. O solo estava repleto de raízes e pedras. Havia uma pilha de pedras muito pequena a seu lado. Havia, também, outra coisa, grande e embrulhada. Talvez tenha mesmo caminhado nas passadas de Locaha, pensou Mau, porque sei que aquilo é um homem morto. E a rapariga fantasma estava nos meus pesadelos.

Não estou sozinho.

A rapariga deixou cair a lança de extremidade achatada e, rapidamente, ergueu outra coisa, algo que também brilhava como metal.

— Eu s-sei usar isto! — gritou, muito alto. — Mais um passo e puxo o gatilho! A sério! — A coisa de metal movia-se para trás e para diante nas suas mãos. — Não penses que tenho medo! Não tenho medo! Podia ter-te matado antes! Só porque senti pena de ti, isso não significa que possas descer até aqui! O meu pai não tardará a chegar!

Parecia entusiasmada. Mau deduziu que queria oferecer-lhe a coisa de metal porque, pela forma como a segurava com as duas mãos e a acentava, era óbvio que a assustava muito.

Estendeu a mão, ela gritou e voltou a cabeça. Algo fez *clique*, houve

uma minúscula explosão de faíscas de uma extremidade da coisa de metal e, muito lentamente, uma pequena bola redonda rebolou por um buraco na outra extremidade, aterrando na lama à frente da rapariga. Havia... *coisas* nos seus pés. Notou-o com uma espécie de fascínio horrorizado. Eram como vagens negras e não tinham dedos.

A rapariga fitava-o com o terror bem visível nos olhos arregalados.

Mau retirou-lhe delicadamente a coisa das mãos e ela espalmou-se contra a canoa como se fosse ele o fantasma.

O metal tresandava a algo azedo e peçonhento, mas não era isso o mais importante. Faíscara. Mau sabia o que fazer com uma faísca.

— Obrigado por esta dádiva de fogo — disse, pegando no machado e correndo antes que ela lhe pudesse fazer alguma coisa terrível.

Nos destroços da praia, Mau agachou-se enquanto trabalhava. O ramo carcomido era apenas o início. Vasculhara a floresta em busca de cascas de árvore e ramos secos. Encontrava-se sempre alguma coisa, mesmo depois de chuvas intensas, e construía cuidadosamente pequenas pilhas de tudo, desde erva a galhos bastante grossos. Fizera um pequeno amontoado de liana-papel seca e madeira desfeita e, com grande cuidado, ergueu o fazedor de faíscas.

Puxando para trás o pedaço de metal no topo até fazer um clique, e assegurando-se (pelo menos à segunda tentativa) de que os dedos ficavam fora do seu caminho, uma espécie de garra metálica raspava uma pedra escura contra outro pedaço de metal e produzia faíscas.

Tentou novamente, segurando o fazedor de faíscas imediatamente acima do topo da pilha de acendalhas. Susteve a respiração enquanto algumas faíscas caíam sobre o pó fino, que ficou negro no ponto onde estas tocaram.

Soprou, escudando a pilha com as mãos em concha e uma minúscula coluna de fumo ergueu-se. Continuou a soprar e uma pequena chama ganhou vida.

Era aquela a parte difícil. Alimentou a chama com grande cuidado, encorajando-a com erva e casca de árvore até se tornar suficientemente grande para receber o primeiro galho. Cada movimento era deliberado porque o fogo assusta-se tão facilmente. Foi só quando o ouviu crepitar e silvar que tentou o primeiro ramo fino. Houve um momento desagradável em que as chamas pareceram asfixiar-se com ele e, a seguir, ergueram-se mais fortes do que antes, não tardando a pedir mais. Bom, combustível era o que não faltava. Havia árvores destruídas por toda a parte. Arrastou-as para as chamas e viu-as explodir quando o calor fervia a água que continham. Mau colocou mais madeira, empilhando-a e fazendo faíscas e vapor erguerem-se na escuridão. Sombras saltaram e dan-

çaram pela praia e, enquanto as chamas duravam, era como se voltasse a haver uma espécie de vida.

Após algum tempo, escavou um buraco junto ao fogo, enterrou os túberculos de raiz-louca debaixo da areia e cobriu-os com carvões em brasa.

A seguir, deitou-se. Quando fora a última vez que se sentara junto a uma fogueira, ali em casa? A memória avançou sobre ele antes que a conseguisse travar. Fora a sua última refeição como rapaz, com toda a família presente. E, na Nação, toda a família acabava por significar praticamente toda a gente. Fora a sua «última refeição» porque, na ocasião seguinte em que comeria na ilha, fá-lo-ia como homem, tendo deixado de viver na cabana dos rapazes e passando a dormir na casa dos homens solteiros. Não comera muito. A excitação não lho permitira. E também se sentira assustado, porque conseguia perceber que aquilo não era apenas sobre ele. Era também sobre a sua família. Se voltasse preparado para as tatuagens de um homem e, obviamente... para aquilo com a faca em que não era permitido gritar, seria um triunfo também para eles. Significaria que tinha sido educado da forma correta e aprendera as coisas certas.

O fogo crepitou e fez subir fumo e vapor para a escuridão. Viu-os iluminados pela luz da chama, observando-o, sorrindo-lhe. Fechou os olhos e tentou forçar as memórias estrepitosas a afastarem-se, perdendo-se na noite.

Teria enviado algum deles para a corrente escura quando caminhou nas passadas de Locaha? Talvez. Mas não havia aí nenhuma memória. Estivera encolhido no corpo cinzento de Locaha-Mau, enquanto parte de si se movia para trás e para a frente, fazendo o que precisava de ser feito, levando os mortos para que se tornassem golfinhos e não acabassem como alimento para os porcos. Devia ter entoado uma canção fúnebre, mas nunca aprendera as palavras e, ao invés, endireitou os membros dos corpos tão cuidadosamente quanto podia. Talvez tivesse visto faces, mas essa parte dele morrerá. Tentou recordar a face da mãe, mas conseguia ver apenas água escura. No entanto, conseguia ouvir-lhe a voz, entoando a canção sobre o deus do Fogo e sobre como a Mulher Liana-Papel se cansou de o ver perseguir as suas filhas, prendendo-lhe as mãos ao corpo com grandes lianas. A sua irmã mais nova costumava rir-se disto e perseguia-o com barãos de... Mas uma onda passou-lhe sobre a mente e alegrou-se por ter varrido para longe a memória alegre.

Consequia sentir o buraco dentro de si, mais negro e profundo do que a corrente escura. Tudo lhe faltava. Nada estava onde devia. Estava ali, naquela praia solitária, e apenas lhe ocorriam as perguntas tolas que as crianças fazem... Porque terminam as coisas? Como começam? Porque morre gente boa? Que fazem os deuses?

E aquilo era difícil porque uma das coisas certas que um homem devia fazer era: Não fazer perguntas tolas.

E agora, o pequeno caranguejo-eremita azul saía da sua concha e movia-se sobre a areia, procurando uma concha nova e não a encontrando. Areia vazia prolongava-se em todas as direções e apenas podia correr...

Abriu os olhos. Restava apenas ele e a rapariga fantasma. Fora real? Seria ele real? Seria aquela uma pergunta tola?

O cheiro dos tubérculos ergueu-se da areia. O seu estômago sugeria-lhe que eles, pelo menos, poderiam ser reais e queimou os dedos a desenterrá-los. Guardaria um até ao dia seguinte. Abriu o outro e aproximou a cara do seu coração macio, estaladiço, quente e saboroso. E adormeceu com a boca cheia, enquanto as sombras dançavam em círculos à volta do fogo.



CAPÍTULO 3

CALENTURA

Na escuridão dos destroços da *Doce Judy*, acendeu-se um fósforo. Ouviram-se alguns estalidos e raspadelas até que, por fim, a lanterna ficou acesa. Não estava partida, mas tinha de a poupar porque ainda não encontrara mais óleo. Talvez estivesse por baixo de tudo o resto. Tudo estava por baixo de tudo o resto. Fora um acaso feliz que tivesse embrulhado o colchão à sua volta antes de a *Doce Judy* tentar navegar através das árvores. Recordaria enquanto vivesse os estrondos e os gritos. Ouvira o casco quebrar e os mastros partir e, o pior de tudo, ouvira o silêncio.

E subira ao encontro de uma manhã enevoada, repleta de cantos de pássaros, com a maior parte da *Judy* espalhada pelo trilho devastado e com uma palavra na cabeça.

A palavra era «Calentura».

Significava um tipo especial de loucura, provocado pelo calor. O Imediato Cox falara-lhe dela, provavelmente esperando assustá-la porque era esse tipo de pessoa. Os marinheiros desenvolviam calentura quando passavam tempo demais à deriva no mar. Olhariam além do costado e veriam, em vez do oceano, campos verdes e frescos. Saltavam sobre eles e afogavam-se. O Imediato Cox dissera ter visto homens adultos a fazê-lo. Saltavam para um prado repleto de margaridas e afogavam-se ou, como ele dizia: «afogavam-se». E também teria sido capaz de os empurrar.

Ali estava ela, saindo de um navio e vendo-se no meio de uma selva verde. Era como... o oposto da loucura, de certa forma. Estava perfeitamente sã, disso tinha a certeza, mas o mundo em redor tinha enlouquecido.

Havia homens mortos no trilho. Vira gente morta antes, quando o tio partira o pescoço enquanto caçava e, claro, houvera aquele terrível acidente com a ceifeira. Nenhum dos marinheiros mortos era o cozinheiro. Envergonhava-a sentir-se feliz por isso. Proferiu uma oração rápida por eles e correu de volta ao navio para vomitar.

Agora vasculhava pelo caos que fora outrora uma cabina apumada e encontrou a sua caixa de escrita. Equilibrou-a sobre os joelhos e abriu-a, retirando um dos convites com orla dourada que recebera no seu aniversário e olhando-o por um momento. De acordo com o seu livro de boas-maneiras (outra prenda de aniversário), deveria haver um acompanhante presente se convidasse um jovem para a visitar e a única pessoa que lhe ocorria era o pobre capitão Roberts. Era um capitão real e isso contava para alguma coisa, mas, infelizmente, estava morto. Por outro lado, o livro não dizia que o acompanhante tinha de estar vivo, apenas que devia estar presente. De qualquer forma, ainda tinha a faca de mato afiada escondida por baixo do beliche. A viagem não fora feliz depois de o imediato Cox subir a bordo.

Olhou o vulto coberto por um cobertor no canto, de onde se erguia um murmúrio contínuo. Precisava de o manter coberto para evitar que começasse a praguejar. Algumas das palavras que dizia não deviam ser conhecidas por uma jovem senhora. As palavras que desconhecia realmente preocupavam-na ainda mais.

Sabia que tinha sido indelicada com o rapaz. Não devia disparar contra pessoas, sobretudo quando não lhe tinham sido apresentadas, e fora um acaso feliz que a pólvora estivesse molhada. Fora pânico puro. E depois de o ver trabalhar tão arduamente para sepultar aquela pobre gente no mar. O seu pai, pelo menos, estava vivo e viria procurá-la, mesmo que existissem mais de oitocentos sítios onde procurar nas Ilhas do Dia da Mãe.

Mergulhou a caneta no tinteiro e riscou «Palácio do Governo, Port Mercia» no topo do cartão, escrevendo cuidadosamente por baixo: «Destroços da *Doce Judy*».

Precisava de fazer outras alterações. Quem desenhara os cartões esquecera por completo a possibilidade de ser necessário convidar alguém cujo nome se desconhecesse, que vivesse numa praia, não usasse quase roupa nenhuma e que, quase de certeza, não saberia ler. Mas fez o melhor que podia, nos dois lados do convite⁴, assinando «Ermintrude Fanshaw (Distinta Menina)», desejando não ter de o fazer, sobretudo a parte do «Ermintrude».

⁴ Onde dizia «Vestuário», acrescentou: «Sim, por favor.»

A seguir, vestiu o grande casaco de oleado que pertencera ao pobre capitão Roberts, guardou a última manga no bolso, pegou num sabre, retirou a lanterna do prego e saiu para a noite.

Mau acordou com os Avôs a gritarem-lhe na cabeça e com a fogueira reduzida a um grande amontoado incandescente.

SUBSTITUI AS ÂNCORAS DIVINAS! QUEM GUARDA A NAÇÃO?
ONDE ESTÁ A NOSSA CERVEJA?

Não sei, pensou Mau, erguendo os olhos para o céu. As mulheres fabricavam a cerveja. Eu não sei fazê-lo.

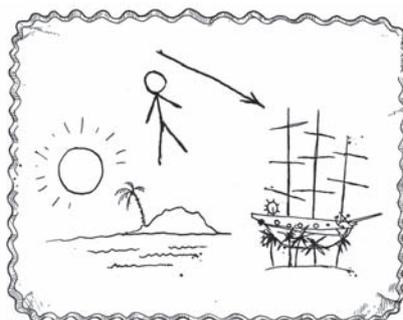
Não podia entrar no Sítio das Mulheres, pois não? Já subira até lá para espreitar, mesmo que os homens não pudessem entrar, tal como as mulheres não podiam entrar no vale dos Avôs. Se tais coisas acontecessem, seria o fim de tudo. Era assim tão importante.

Mau pestanejou. Poderia haver um fim ainda maior? Não restava ninguém. Como poderiam manter-se as regras? As regras não podiam existir sozinhas!

Ergueu-se e viu o brilho dourado. Um retângulo branco tinha sido entalado num pedaço de madeira partida e havia pegadas sem dedos na areia. Junto ao pedaço de madeira havia outra manga.

Andara por ali enquanto dormia!

Havia símbolos absurdos no retângulo branco, mas, do lado oposto, havia desenhos. Mau sabia como interpretar mensagens e aquela não era difícil.



— Quando o sol subir acima da última árvore que resta na Pequena Nação, terás de alvejar com uma lança a grande canoa naufragada —, disse em voz alta. Não fazia sentido, tal como a rapariga fantasma. Mas dera-lhe o fazedor de faíscas, mesmo que se sentisse muito assustada. Também ele sentira medo. Que devia fazer com raparigas? Tinha de se manter afastado

delas enquanto era rapaz, mas ouvira dizer que, como homem, receberia outras instruções.

Quanto aos Avôs e às âncoras divinas, não as vira em lado nenhum. Eram pedras grandes, mas a onda não se deixara impressionar. Os deuses saberiam? Teriam sido também levados pelas águas? Era demasiado complicado pensar no assunto. A cerveja era mais simples, mas não muito.

As mulheres fabricavam a cerveja e sabia que havia uma grande taça diante da Gruta dos Avôs, onde era despejada uma oferenda de cerveja todos os dias. Sabia-o e aquilo ficara-lhe na cabeça como uma coisa que sabia. Mas, agora, ocorriam-lhe perguntas como: Porque precisavam os mortos de cerveja? Não os... atravessaria? Se não a bebiam, quem a beberia? E poderia meter-se em sarilhos apenas por pensar naquelas perguntas?

Sarilhos com quem?

Lembrava-se de entrar no Sítio das Mulheres quando era muito pequeno. Por volta dos sete ou oito anos deixou de ser bem-vindo. As mulheres escorraçavam-no ou paravam o que estavam a fazer quando se aproximava e olhavam-no com grande intensidade até ele se ir embora. As mulheres muito velhas, em particular, tinham uma forma de olhar que o faziam querer estar noutra sítio. Um dos rapazes mais velhos contou-lhe que conseguiam murmurar palavras que faziam cair o *wingo*. Depois disso manteve-se afastado do Sítio das Mulheres e passou a ser como a lua. Sabia onde estava, mas nem sequer pensava em ir lá.

Não restavam velhas. Desejou que sim. Não restava ninguém que o impedisse de fazer qualquer coisa. Desejou que sim.

O caminho para o Sítio das Mulheres desviava-se do trilho na floresta e descia para sul, até uma ravina estreita. Ao fundo, existiam duas grandes pedras, mais altas do que um homem, salpicadas com tinta vermelha. Era a única entrada, quando ainda existiam regras. Mau puxou o arbusto espinhoso que bloqueava a entrada e avançou.

Ali estava o Sítio, um vale redondo e côncavo, cheio de sol. Arvoredo denso impedia o vento de entrar e sarças e espinheiros entrelaçavam de tal forma os seus ramos que apenas uma cobra conseguiria passar. Naquele dia, o vale parecia adormecido. Mau ouvia o mar, mas parecia-lhe muito distante. Ouviu um pequeno regato, que saltitava da rocha, num dos lados do vale, preenchendo um vão rochoso que se transformava num lago e perdendo-se entre as hortas.

A Nação cultivava as suas colheitas grandes no campo maior. Era aí que se encontraria *aharo*, cana-de-açúcar, *tabor*, ervilhas-bumerangue e milho-negro. Aí os homens cultivavam as coisas que faziam viver.

No Sítio cresciam nas hortas das mulheres as coisas que tornavam a vida agradável, possível e mais longa: especiarias, frutas e raízes mastigá-

veis. Elas tinham formas de fazer as colheitas crescerem maiores ou mais saborosas. Desenterravam ou trocavam plantas e traziam-nas para ali, conhecendo os segredos de sementes, vagens e outras coisas. Cultivavam ali bananas rosadas, outras bananas e inhames raros, incluindo o inhame-saltador. Também criavam ali ervas medicinais. E bebés.

Aqui e ali, nos limites das hortas, viam-se cabanas. Mau aproximou-se delas com cuidado, começando a sentir-se nervoso. Alguém devia gritar-lhe, alguma velha devia apontar e murmurar e devia fugir muito depressa, cobrindo com as mãos o baixo-ventre, apenas por precaução. Qualquer coisa seria melhor do que aquele silêncio soalheiro e vazio.

Afinal, ainda existem regras, pensou. Trouxe-as comigo. Estão na minha cabeça...

Havia cestos nalgumas cabanas e molhos de raízes pendurados do teto, longe do alcance de dedos infantis. Eram raízes-maniacas. Aprendia-se sobre elas em tenra idade. Faziam a melhor cerveja de todas ou podiam matar alguém num instante. E o ingrediente secreto que decidia qual dos efeitos ocorria era uma canção que todos sabiam.

Encontrou o que procurava na cabana junto à nascente. Um caldeirão inteiro de raiz cortada silvava e borbulhava delicadamente sob uma pilha de folhas de palmeira. O aroma intenso e acre preenchia a cabana.

Que quantidade beberiam homens mortos? Encheu uma cabaça com o líquido. Deveria bastar. Teve muito cuidado com a forma como o transferiu, porque era muito perigoso naquele estado. Apressou-se a sair antes que um fantasma conseguisse apanhá-lo.

Chegou ao vale dos Avôs sem entornar muito e despejou o conteúdo da cabaça na taça de pedra diante da gruta selada. Dois pássaros-avô observavam-no cautelosamente das velhas árvores retorcidas.

Cuspiu na taça e a cerveja fervilhou durante alguns instantes. Grandes bolhas amarelas rebentaram à superfície.

A seguir, cantou. Era uma canção simples e fácil de recordar sobre os quatro irmãos, todos filhos do Ar, que, um dia, decidiram correr em volta da enorme barriga do seu pai para ver qual deles cortejaria a mulher que vivia na Lua, e sobre as partidas que cada um pregou aos restantes para conseguir chegar em primeiro. Os bebés aprendiam a cantá-la. Todos a conheciam. E, por algum motivo, cantar aquela canção transformava o veneno em cerveja. Realmente.

Formou-se espuma na taça. Mau olhava a grande pedra redonda, como precaução, mas era possível que os Avôs tivessem uma forma de beber a cerveja desde o mundo dos espíritos.

Cantou até ao fim, com o cuidado de não falhar nenhum verso, sobretudo um que era muito engraçado quando se faziam os gestos certos. Quan-

do terminou, a cerveja estava clara, com bolhas douradas erguendo-se até ao topo. Mau provou um gole, para testar. O seu coração não parou depois de uma batida e isso significaria que a cerveja estaria, provavelmente, boa.

Deu alguns passos atrás e disse, para a imensidão do céu:

— Aqui está a vossa cerveja, Avôs!

Não aconteceu nada. Era um pensamento mau, mas um «obrigado» teria sido simpático.

A seguir, o mundo inspirou e o fôlego transformou-se em vozes:

ERRASTE O CÂNTICO!

— Cantei a canção! A cerveja é boa!

FALAMOS DO CÂNTICO QUE NOS CHAMA ATÉ À CERVEJA!

Mais dois pássaros-avô desabaram sobre as árvores.

— Não sabia que existia.

ÉS UM PREGUIÇOSO, RAPAÇ!

Mau aproveitou a deixa.

— É isso mesmo! Sou só um rapaz! Não há ninguém para me ensinar!

Podem...?

REPARASTE AS ÂNCORAS DIVINAS? NÃO!

Com aquilo, as vozes silenciaram-se, deixando para trás apenas o suspiro do vento.

Bom, a cerveja parecia boa. Para que precisavam de um cântico? A mãe de Mau fabricava boa cerveja e as pessoas limitavam-se a aparecer.

Com um bater de asas, um pássaro-avô aterrou no bordo da pedra que continha a cerveja e lançou-lhe o olhar fixo habitual, que dizia: «Se vais morrer, despacha-te. Se tens outros planos, põe-te a andar.»

Mau encolheu os ombros e afastou-se. Mas escondeu-se atrás de uma árvore, algo que fazia bem. Talvez a grande pedra redonda rebolesse mesmo.

Não foi preciso muito tempo para vários pássaros-avô pousarem sobre a taça. Lutaram entre si durante um momento e, depois, com a pausa ocasional para outra luta breve, acalmaram-se e dedicaram-se a conseguir uma borracheira monumental, abanando-se para trás e para diante, porque era assim que os pássaros se moviam quando bebiam cerveja acabada de fazer. Um deles levantou voo e caiu de costas sobre uns arbustos.

Mau regressou à praia, pensativo, parando pelo caminho para cortar uma vara na floresta que pudesse transformar numa lança. Chegado à praia, afiou a ponta e endureceu-a com o fogo, olhando ocasionalmente o sol.

Fez tudo aquilo lentamente porque a sua cabeça se enchia com perguntas. Saíam do buraco negro do seu interior tão depressa que era difícil ter pensamentos lineares. Em breve, teria de ver a rapariga fantasma. Isso seria... difícil.

Olhou o retângulo branco outra vez. O metal brilhante nas arestas era muito macio e inútil, saindo com facilidade quando se raspava. Quanto ao desenho, pensou que poderia ser algum tipo de encantamento mágico, como a concha azul. De que serviria atirar uma lança à grande canoa? Não era algo que se pudesse matar. Mas a rapariga fantasma era a única outra pessoa na ilha e, afinal, tinha-lhe dado o fazedor de faíscas. Deixara de precisar deste, mas, mesmo assim, era uma coisa maravilhosa.

Quando o sol se aproximou da Pequena Nação, pôs-se a caminho pela praia fora e entrou na floresta baixa.

Conseguia sentir o cheiro das coisas que cresciam. Nunca havia muita luz por ali, mas a grande canoa deixara um rasto amplo e a luz do dia penetrava locais que não a viam há anos, motivando uma disputa acesa pelos raros lugares ao sol. Rebentos verdes novos lutavam pela vista do céu, fetos desenrolavam-se, sementes abriam. A floresta regressava como uma onda verde. Dali a seis meses, ninguém suspeitaria do que ali acontecera.

Mau abrandou quando os destroços da grande canoa se tornaram visíveis, mas não viu qualquer movimento. Precisaria de ser cuidadoso. Seria muito fácil enganar-se.

Era tão fácil enganar-se.

Odiava o nome «Ermintrude». Era o «trude» que lhe desagradava mais. «Ermin», por outro lado, não estava mal. «Trudy» também soava bastante alegre, mas a avó dissera-lhe que parecia fácil, fosse lá isso o que fosse, e proibiu-a de o usar. Até «Gertrude» teria servido. O «trude» lá estava, claro, mas uma das princesas reais chamava-se Gertrude e alguns jornais chamavam-lhe «Princesa Gertie» e isso parecia-lhe o nome de uma rapariga que poderia divertir-se na vida.

Mas Ermintrude, pensou, era exatamente o tipo de nome que convidaria um jovem para tomar chá e arruinaria tudo. O fogão a carvão fumegava, a farinha com que tentava fazer os *scones* tinha um cheiro esquisito, por culpa da lagosta morta no barril, e estava certa de que a farinha não devia mexer-se sozinha. Conseguiu abrir a última lata de *Sucedâneo de Leite Eterno do Dr. Poundbury*, que anunciava no exterior que o conteúdo saberia tão bem um ano depois como no dia em que fora enlatado. Infelizmente, era bastante provável que fosse verdade. Cheirava a ratos afogados.

Se, ao menos, a tivessem ensinado bem! Se alguém tivesse achado que seria boa ideia passar uma tarde a ensinar-lhe algumas coisas que seria útil saber se algum dia se visse naufragada numa ilha deserta! Podia acontecer a qualquer um! Até algumas dicas sobre a confeção de *scones* teriam ajudado! Mas não. A sua avó dissera que uma senhora nunca deveria erguer nada mais pesado do que uma sombrinha e não poderia jamais entrar numa co-

zinha a não ser para preparar a Sopa Económica e Caridosa para os Pobres Merecedores. E a sua avó considerava que não havia muita «gente dessa».

— Lembra-te sempre — costumava dizer, com demasiada frequência, — que bastará apenas a morte de cento e trinta e oito pessoas para que o teu pai seja coroado rei! E isso significa que, um dia, poderás ser a rainha!

A avó costumava dizer aquilo com um olhar que sugeria a possibilidade de planejar cento e trinta e oito homicídios e não era preciso conhecer muito bem a velha senhora para desconfiar que seria perfeitamente capaz de os organizar. Claro que não seriam homicídios indelicados. Não haveria recurso desesperado a adagas ou pistolas. Seriam homicídios elegantes e plenos de tato. Um tijolo ou uma pedra cairiam da mansão de alguém aqui, alguém tropeçaria numa poça gelada nas ameias de um castelo ali, um manjar-branco suspeito num banquete palaciano (era tão fácil confundir arsénico com açúcar) cuidaria de vários ao mesmo tempo... Mas, provavelmente, não iria tão longe. Não realmente. De qualquer forma, vivia na esperança e preparava a neta para uma vida régia, certificando-se, sempre que possível, de que Ermintrude não aprenderia nada que pudesse ter alguma aplicação prática.

Agora, ali estava ela, com o seu nome desastrado, esforçando-se por preparar o chá da tarde num navio naufragado no meio da selva! Porque não ocorrera a ninguém que aquilo podia acontecer?

E, além disso, o jovem era o que a sua avó descreveria como «um selvagem». Mas não fora selvagem. Vira-o sepultar toda aquela gente no mar. Erguera-os delicadamente, até aos cães. Não era alguém que deitava fora lixo. Fizera-o com sentimento. Chorara, mas não a vira, nem sequer quando ela se ergueu diante dele. Houve apenas um momento em que os olhos encharcados tentaram focá-la e, nesse instante, contornou-a e prosseguiu com a tarefa. Fora tão cuidadoso e delicado que era difícil acreditar que fosse um selvagem.

Lembrava-se de ver o imediato Cox a alvejar macacos com a pistola quando tinham ancorado na foz daquele rio no Mar de Ceramis. Rira-se sempre que um pequeno corpo castanho caíra ao rio, sobretudo se ainda estivesse vivo e os crocodilos conseguissem apanhá-lo.

Gritou-lhe que parasse e viu-o rir-se. O capitão Roberts desceu da casa do leme e houve uma terrível discussão. Depois disso, as coisas ficaram muito azedas na *Doce Judy*. Pouco antes de iniciar a primeira parte da sua viagem em redor do mundo, tinham sido publicados muitos artigos nos jornais sobre o sr. Darwin e a sua nova teoria de que as pessoas tinham uma espécie de macaco como antepassado distante. Ermintrude não sabia se era verdade, mas, quando viu os olhos do imediato Cox, viu algo muito pior do que qualquer macaco.

Nesse instante, uma lança entrou por uma vigia rachada, silvou pela cabina e saiu pela vigia do outro lado, cujo vidro fora levado pela onda.

Ermintrude permaneceu sentada e muito quieta, primeiro pelo choque e, depois, por recordar o conselho do seu pai. Numa das cartas que lhe escrevera, dissera que, quando se juntasse a ele no Palácio do Governo, seria a sua Primeira-Dama e conheceria todos os tipos de gente, que poderiam comportar-se de formas que começaria por achar estranhas ou que poderia interpretar mal. Por isso, teria de ser graciosa e fazer concessões.

Muito bem. Era mais ou menos aquele o momento em que o rapaz deveria chegar. Que esperara que fizesse quando chegasse? Mesmo num navio que não tivesse naufragado, era difícil encontrar uma campainha. Talvez arremessar uma lança significasse: «Olha, livrei-me da minha lança! Não estou armado!» Sim, parecia-lhe bem. Era como um aperto de mão, afinal, para mostrar que não se empunhava espada. Ainda bem que resolveu este pequeno mistério, pensou.

Pela primeira vez desde que a lança silvara pela cabina, exalou.

Lá fora, Mau começava a pensar que alguma coisa teria corrido mal quando ouviu ruídos de madeira e a cabeça da rapariga fantasma surgiu no alto da grande canoa.

— Obrigado pela tua pontualidade — disse, tentando sorrir. — E muito obrigado por partires a janela. Estava a ficar muito abafado aqui dentro!

Não compreendeu nada daquilo, mas era verdade que quase sorria e isso era positivo. Também queria que entrasse no destroço. Fê-lo, muito cautelosamente. A *Doce Judy* tombara de lado um pouco quando a onda o depositara no solo e, por isso, tudo estava inclinado.

O interior era um caos constituído pela fusão de outros caos menores. Tudo tresandava a lama e água estagnada. Mas a rapariga levou-o para outro local, que parecia, pelo menos, ter merecido os esforços de alguém para o limpar um pouco, mesmo que esses esforços tivessem fracassado.

— Receio que as cadeiras tenham ficado destruídas, — disse a rapariga — mas de certeza que acharás o baú do pobre capitão Roberts um substituto adequado.

Mau, que nunca se sentara em nada que não fosse a terra ou o chão de uma cabana quando comia, pousou o traseiro sobre uma caixa de madeira.

— Achei que seria agradável que nos conhecêssemos, já que não fomos apresentados — disse a rapariga fantasma. — Obviamente, o facto de não nos compreendermos um ao outro será um obstáculo...

Enquanto prosseguia com o palavreado sem sentido, Mau fitava o fogo na pequena caverna que o abrigava. Erguia-se fumo por um tubo redondo e preto. A seu lado havia uma coisa redonda e chata. Coisas páli-

das sobre ela pareciam algum tipo de pão. Estou num Sítio das Mulheres, pensou, e não conheço as regras. Preciso de ter cuidado. Poderá fazer-me alguma coisa.

— ... e a manteiga derreteu, mas deitei fora a farinha que tinha ficado verde. Queres chá? Suponho que não o bebas com leite.

Viu um líquido castanho ser despejado numa taça azul e branca. Mau observou com cuidado, enquanto a rapariga continuava a falar, cada vez mais depressa. Como poderia saber o que estava certo ou errado, pensou. Quais são as regras quando se está sozinho com uma rapariga fantasma?

Não estivera sozinho na Ilha dos Rapazes. Não, não havia mais ninguém lá, mas sentira a Nação em seu redor. Fazia o que estava certo. Mas e agora? O que era certo? Os Avôs berravam e protestavam, davam ordens e não lhe davam ouvidos.

Também não conseguia encontrar o fio prateado ou a visão do futuro. Não havia qualquer visão. Era apenas ele e aquela rapariga, sem regras que ensinassem a defrontar a escuridão que o esperava.

Viu-a tirar do fogo as coisas que pareciam pão e colocá-las noutra coisa redonda de metal que tentou equilibrar sobre os joelhos.

— A maior parte da louça partiu-se no naufrágio — disse a rapariga, parecendo triste. — Foi um milagre ter conseguido encontrar duas chaves. Aceitas um *scone*? — Apontou as coisas que pareciam pão.

Mau pegou numa. Estava quente, o que era bom, mas, por outro lado, sabia a madeira ligeiramente apodrecida.

Ela olhava-o ansiosamente enquanto movia aquilo de um lado da boca para o outro, pensando no que fazer.

— Não os fiz bem, pois não? — perguntou. — Pareceu-me que a farinha estava húmida demais. O pobre capitão Roberts costumava guardar uma lagosta no barril da farinha para comer o gorgulho e não acredito que isso esteja correto. Desculpa. Não me incomodo se cuspires.

E começou a chorar.

Mau não compreendera uma única palavra, mas algumas coisas não precisam de linguagem. Chora porque o pão é horrível. Não devia chorar. Engoliu e deu outra dentada. Ela olhou-o e fungou, não sabendo se seria ou não cedo demais para parar de chorar.

— Comida muito boa — disse Mau. Engoliu aquilo com esforço e pareceu-lhe que sentiu a substância desagradável embater-lhe contra o fundo do estômago. A seguir, pegou noutra.

A rapariga secou os olhos com um pano.

— Muito bom — insistiu Mau, tentando ignorar o sabor a lagosta podre.

— Desculpa, não te compreendo — disse ela. — Oh, céus, e esqueci-me completamente das argolas para os guardanapos. Deves pensar tão mal de mim...

— Não conheço as palavras que dizes — disse Mau.

Houve uma pausa longa e incontornável e Mau sentiu os dois nacos de pão horrível pesando-lhe no estômago, planeando a fuga. Bebia a taça de líquido quente e amargo para os afogar quando se apercebeu de um murmúrio difuso vindo de um canto da cabina, onde um grande cobertor cobria... o quê? Parecia-lhe que alguém por baixo murmurava furiosamente para si próprio.

— É bom ter alguém com quem falar — disse a rapariga, elevando a voz. — Vejo-te a andar por aí e não me sinto tão só.

As bolas de farinha no estômago de Mau não gostavam da bebida castanha. Manteve-se muito quieto, lutando para as manter onde estavam.

A rapariga olhou-o nervosamente e disse:

— Chamo-me... hmm... Daphne. — Tossiu baixinho e acrescentou: — Sim, Daphne. — Apontou para si e estendeu a mão. — Daphne — disse, outra vez, mais alto. Bom, sempre lhe agradara o nome.

Mau olhou obedientemente a sua mão, mas não havia nada para ver. Então... ela vinha de Daphne? Nas Ilhas, a coisa mais importante acerca de cada pessoa era o nome do clã a que pertencia. Não ouvira falar daquele sítio, mas sempre ouvira dizer que ninguém conhecia todas as ilhas. Algumas das mais pobres desapareciam por completo com a maré alta e as cabanas eram construídas para ficarem à tona. Teriam desaparecido... Quantas restariam? Poderia toda a gente no mundo ter sido levada pela onda?

A rapariga fantasma pôs-se de pé e caminhou pelo chão inclinado acima até à porta. Mau achou que aquilo era promissor. Com sorte, não teria de comer mais madeira.

Disse:

— Podias ajudar-me com o pobre capitão Roberts, por favor?

Queria que fosse com ela lá fora. Isso era claro e Mau levantou-se rapidamente. O pão mau queria escapar e o cheiro do fogo provocava-lhe uma dor de cabeça.

Cambaleou e saiu para o ar fresco da tarde. A rapariga erguia-se junto ao grande rolo cinzento que Mau vira no dia anterior. Olhava-o, sem saber o que fazer.

— Pobre capitão Roberts — disse, tocando-o com o pé.

Mau puxou o pano pesado e viu o corpo de um homem-calças velho e barbudo. Estava deitado de costas, com os olhos fitando o nada. Puxou mais o pano e viu que as mãos do homem seguravam uma grande roda de madeira, com coisas que pareciam espigões de madeira a toda a volta.

— Atou-se à roda do leme para não ser levado pelo mar — disse a rapariga atrás dele. — Cortei as cordas, mas as suas pobres mãos não largavam a roda e, por isso, arranjei um martelo, tirei a roda e tentei enterrá-lo, mas o chão é muito duro e não consigo movê-lo sozinha. De certeza que não se importaria de ser sepultado no mar — concluiu, de um fôlego só.

Mau suspirou. Devia saber que não consigo compreendê-la, mas continua a falar, pensou. Quer este corpo sepultado, isso consigo perceber. Quanto tempo terá levado a abrir aquele buraco patético na rocha? Mas está perdida e longe de casa, como eu.

— Posso enviá-lo para as águas escuras — disse. Fez ruídos de onda com a boca e movimentos de onda com a mão. Ela pareceu horrorizada, por um momento. A seguir, riu-se e bateu com as mãos.

— Sim! Sim! Isso mesmo! O mar! Vuuuch, svuuuch! O mar!

O homem e a roda de madeira juntos eram pesados demais para erguer, mas o pano era muito grosso e Mau percebeu que conseguia arrastá-lo com facilidade sobre a vegetação esmagada do trilho. A rapariga ajudou-o a ultrapassar os pontos mais difíceis ou, pelo menos, tentou fazê-lo. Quando chegaram perto do mar, o fardo cinzento deslizou bem sobre a areia molhada, mas o caminho seria longo e cansativo até ao extremo ocidental da praia. Mau conseguiu, pelo menos, enfiar o capitão na água que lhe dava pela cintura no extremo do recife.

Olhou os olhos mortos e fixos e pensou se conseguiriam ver na corrente escura. Veriam alguma? *Alguém veria alguma coisa?*

O choque da pergunta atingiu-o como uma pancada. Como podia pensá-lo?

Outrora, fomos golfinhos e Imo transformou-nos em homens! Era verdade, não era? Porque pensava sequer que podia não ser? E, se isso não fosse verdade, haveria apenas a água escura e nada seria alguma coisa...

Travou aqueles pensamentos antes que pudessem arrastá-lo para longe. A rapariga Daphne observava-o e não era o momento para incertezas e hesitações. Uniu lianas-papel para prender pedras e pedaços de coral partido ao pobre capitão Roberts e à sua roda do leme. A liana-papel endurecia quando se molhava e não apodreceria durante anos. Onde quer que o pobre capitão Roberts fosse, iria para ficar. A não ser que se transformasse num golfinho, claro. A seguir, rapidamente, fez o corte para lhe libertar o espírito.

Nas rochas atrás dele, a rapariga cantou uma canção. Não era apenas na-na-na daquela vez. De alguma forma, Mau conseguia ouvir melhor a sua voz, agora que a ouvira falar. Havia palavras, talvez, apesar de não terem para ele qualquer significado. Mas pensou: É um cântico aos mortos dos homens-calças. São como nós! Mas, se Imo os criou, porque são tão diferentes?

O capitão estava quase submerso, continuando a agarrar a roda do leme. Mau segurou a última pedra numa mão e empurrou o capitão flutuante para a frente, sem deixar de fincar os dedos dos pés no limiar da rocha. Conseguia sentir o frio das profundezas por baixo.

A corrente estava ali. Ninguém sabia de onde vinha, apesar de existirem histórias de uma terra a sul onde o toque da água era como penas. Mas todos sabiam para onde ia. Conseguiam vê-lo. Tornava-se o Caminho Resplandecente, um rio de estrelas que fluía através do céu noturno. Uma vez em cada mil anos, dizia-se, quando Locaha procurava entre os mortos aqueles que deviam ascender ao mundo perfeito, estes percorreriam esse caminho e os restantes seriam enviados de volta, para serem golfinhos até chegar o momento de voltarem a nascer.

Como acontece isso, pensou Mau. Como pode a água transformar-se em estrelas? Como pode um homem morto transformar-se num golfinho vivo? Mas eram perguntas de criança, não eram? Do tipo que não devia colocar? Do tipo tolo ou errado e, se alguém perguntasse «porquê» demasiadas vezes, recebia tarefas para fazer e era-lhe dito que «o mundo era assim».

Uma pequena onda passou sobre o capitão. Mau prendeu a última pedra à roda e, enquanto o capitão deslizava gentilmente para baixo das águas, empurrou-o para a corrente.

Ergueram-se algumas bolhas enquanto o capitão afundava, muito lentamente, até deixar de ser visto.

Mau voltava-se quando viu alguma coisa a erguer-se. Irrompeu à superfície e virou-se muito devagar. Era o chapéu do capitão e, agora que se tinha enchido de água, começou a afundar-se novamente.

Ouviu um chapinhar vindo de trás e a rapariga do clã Daphne passou por ele, com o vestido branco flutuando em redor como uma alforreca gigantesca.

— Não deixes que volte a afundar-se! — gritou. — Ele quer que fiques com ele! — Lançou-se para diante, agarrou o chapéu, agitou-o triunfalmente... e afundou-se.

Mau esperou que voltasse a subir, mas viu apenas bolhas.

Seria possível que houvesse alguém no mundo que não soubesse...

O seu corpo agiu sem pensar. Mergulhou abaixo da superfície, segurou o maior pedaço de coral que conseguiu ver e lançou-se além do recife, para as águas escuras.

Ali, mais à frente, ia o pobre capitão Roberts, afundando-se lentamente para a eternidade. Mau passou por ele como um dardo prateado.

Viu bolhas mais abaixo e uma forma pálida desaparecendo além do alcance da luz do sol.

Esta não, pensou Mau, com tanta força quanto podia. Agora não. Ninguém vai vivo para a escuridão. Servi-te, Locaha. Caminhei nas tuas passadas. Seria justo que me devesse esta. Uma vida resgatada à escuridão!

E uma voz ergueu-se das trevas: *Não recordo nenhum acordo, Mau, nenhum acerto, pacto, entendimento ou promessa. Existe o que acontece e o que não acontece. Não existe o que «deve acontecer».*

E, de repente, envolvia-se na anémona das suas saias. Deixou que a pedra prosseguisse a viagem para o fundo, encontrou-lhe a cara, soprou ar dos pulmões prestes a explodir para os dela, viu-a arregalar os olhos e agitou as pernas em direção à superfície, arrastando-a atrás de si.

Levou uma eternidade. Conseguia sentir os dedos longos e frios de Locaha segurando-lhe os pés e apertando-lhe os pulmões e percebia que a luz esmorecia. O som da água nos seus ouvidos começou a assemelhar-se a murmúrios: *Custaria parar agora? Deslizar de volta à escuridão e deixar que a corrente o levasse? Seria o fim de toda a dor, um branqueamento de todas as más memórias. Precisaria apenas de a soltar e...* Não! Aquele pensamento reavivou a sua fúria e a fúria deu-lhe forças.

Uma sombra cruzou a luz e Mau teve de nadar para se afastar do lento afundar do capitão, da última viagem que este alguma vez faria.

Mas a luz não estava mais próxima. As suas pernas eram como pedras. Tudo lhe doía. E ali estava, o fio prateado voltando para ele, puxando-o para uma visão do que poderia ser...

... E havia rocha por baixo dos seus pés. Impeliu-se para cima e a cabeça ergueu-se sobre as ondas. Os pés tocaram novamente a rocha e a luz era intensa.

Observou o resto do que aconteceu do interior de si mesmo, enquanto puxava a rapariga para as rochas e a deitava de bruços, batendo-lhe nas costas até cuspir a água. Seguiu-se uma corrida até à praia para a deitar junto à fogueira, onde vomitou mais água e gemeu. Só então a mente de Mau explicou que o seu corpo era fraco demais para ter conseguido tudo aquilo e permitiu que caísse de costas sobre a areia.

Conseguiu voltar-se a tempo para vomitar o que restava dos bolos horríveis e olhou o resultado. Não acontece, pensou. E as palavras tornaram-se uma declaração de triunfo e desafio.

— Não acontece — disse. E as palavras tornaram-se maiores e puseram-no de pé. — Não acontece! — gritou para o céu. — Não acontece!

Um pequeno ruído fê-lo baixar os olhos. A rapariga tremia na areia. Ajoelhou-se a seu lado e pegou-lhe a mão, que continuava a segurar o chapéu do capitão. A sua pele era branca e tão fria como o toque de Locaha, mesmo com o calor da fogueira.

— Trapaceiro! Eu trouxe-a de volta! — gritou. — Não acontece!

Mau correu pela praia e chegou ao trilho que conduzia à floresta baixa. Caranguejos vermelhos afastavam-se do seu caminho enquanto percorria a vereda de árvores quebradas. Chegou à grande canoa e subiu-lhe pelo costado. Houvera... Sim, havia aquele grande cobertor no canto. Agarrou-o, puxou e algo puxou no sentido oposto. Puxou com mais força e alguma coisa embateu no convés com um estrondo.

Uma voz disse:

— Croaaac! O Roberts é um grande bêbado! Mostra-nos as cuecas!

Daquela vez, o cobertor cedeu, revelando uma gaiola de madeira partida no chão e um pássaro cinzento muito irritado. Fitou Mau com severidade.

— Croaaac! Abençoados os pobres de espírito, a minha avozinha!

Mau não tinha tempo a perder com pássaros, mas aquele tinha um brilho preocupante nos olhos. Parecia exigir uma resposta.

— Não acontece! — gritou, correndo para fora da cabina, com o cobertor esvoaçando atrás dele.

Ia a meio do trilho quando ouviu um bater de asas por cima da cabeça e um guincho de:

— Não acontece!

Mau nem sequer olhou para cima. O mundo tornara-se demasiado estranho. Correu para a fogueira e embrulhou a rapariga no cobertor, da melhor forma que conseguiu. Após algum tempo, os tremores pararam e pareceu dormir.

— Não acontece! — gritou o pássaro de uma árvore partida. Mau pestanejou. Compreendera! E tinha compreendido antes, sem perceber.

Sim, havia pássaros que conseguiam dizer algumas palavras, como a gralha-cinzenta e o periquito-amarelo, mas dificilmente alguém conseguia compreendê-los. Aquele pássaro falava como se soubesse o que dizia.

— Onde está a minha comida, ó cara de penico fedorento? — disse o pássaro, saltitando ansiosamente. — Dá-me a minha ração, velho hipócrita!

Sim, parecia realmente conversa de homem-calças.

O sol ia baixo, mas mantinha-se um palmo acima do mar. Aconteceram muitas coisas num curto espaço de tempo que, de certa forma, durara quase para sempre.

Mau baixou o olhar para a rapariga adormecida. «Não acontece» não bastava. Não podia confiar em Locaha. Não havia acordos. Tinha de pensar agora em «Não acontecerá». A morte não mandaria ali...

Encontrou a lança e manteve-se de guarda até a manhã chegar.